



**Centro Universitário de Brasília**  
**Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**DENILSON ALEXANDRE COÊLHO**

**O BRASIL MAIS CONSCIENTE DE SI:  
AS ORIGENS DO BRASIL NEGRO E O TRÁFICO DE  
ESCRAVIZADOS**

Brasília-DF

2016

**DENILSON ALEXANDRE COELHO**

**O BRASIL MAIS CONSCIENTE DE SI:  
AS ORIGENS DO BRASIL NEGRO E O TRÁFICO DE  
ESCRAVIZADOS**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em História, Sociedade e Cidadania.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joelma Rodrigues da Silva.

Brasília

2016

**DENILSON ALEXANDRE COELHO**

**O BRASIL MAIS CONSCIENTE DE SI:  
AS ORIGENS DO BRASIL NEGRO E O TRÁFICO DE  
ESCRAVIZADOS**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em História, Sociedade e Cidadania.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Joelma Rodrigues da Silva.

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

**Banca Examinadora**

---

Prof. Joelma Rodrigues da Silva. Dr<sup>ª</sup>  
Orientadora

---

Prof. Deusdedith Alves Rocha Junior. Dr<sup>º</sup>  
Examinador

---

Prof. Tânia Cristina Cruz Dr<sup>ª</sup>  
Examinador

Dedico este trabalho a todos aqueles que sentem na pele os horrores e absurdos da discriminação e do preconceito.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus criador de todas as coisas, a Nossa Senhora minha mãe e poderosa intercessora, ao meu Anjo da Guarda melhor e mais fiel amigo, que está em todos os momentos ao meu lado.

Agradeço à minha esposa Patrícia fiel, companheira, amiga, sincera, compreensiva, rigorosa em certos momentos e paciente em outros, mas sempre disposta a me ajudar em todas as situações da vida.

Agradeço à minha filha Maria Clara que trouxe nova luz à minha vida.

Agradeço aos meus pais pela maravilhosa criação que tive, e aos meus irmãos e cunhadas, sempre companheiros.

Agradeço aos meus sogros, cunhado e Dona Esther, pelo apoio em todos os momentos da vida.

Agradeço, enfim, aos meus professores, em especial à minha orientadora Prof. Joelma pelo auxílio na realização deste trabalho e a todos os meus companheiros de turma.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é executar uma revisão sistemática da produção acadêmica clarificando os estudos existentes sobre as origens do Brasil negro e o tráfico entre Brasil e a África do século XVI até o século XIX, com base em artigos retirados da internet. As abordagens sobre a função da História e o questionamento sobre o que é História são um toque especial que fará o leitor refletir sobre a importância de se estudar, conhecer e compreender o passado com o objetivo de se compreender o futuro. A internet será um instrumento necessário de apoio à análise sobre a História e a origem do negro no Brasil. Ao chegar em terras brasileiras nos idos do século XVI, os portugueses trouxeram consigo o poder devastador de uma colonização baseada no tráfico de seres humanos. A África foi o continente que forneceu toda a força de trabalho necessária para a construção e formação do que hoje se chama Brasil. Força essa constituída com o suor e o sangue de povos de diversas localidades do continente africano. Tudo será construído com base em livros e sites adequados para a pesquisa.

**Palavras-chave:** origens, negros, História, escravizados, internet.

## ABSTRACT

The purpose of this task is to increase knowledge about the origins of enslaved people who landed in Brazil from Africa. The approaches about History function and questioning about what is History are a special touch that makes the reader reflect about the matter of study, know and understand the future. The internet will be a necessary support instrument of History analyses and the origins of the negro in Brazil. Upon arrive in Brazilians lands in the begginig of XVI century, the portugueses brought the devastating power of a colonization based in the traffic of human beings. Africa was the continent that supplied all the workforce necessary to build and formation that what we nowadays knows as Brazil. Strenght constituted with sweat and blood of differents people of many locations from African contitent. Everything will be built with base in greats thinkers of African History and the History Theory.

**Key Words:** origins, negros, History, slaves, internet.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 HISTÓRIA E INTERNET? .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 O que é História?.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Para quê serve a História?.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 As Escolas Históricas .....</b>	<b>16</b>
<i>1.3.1 A História Positivista .....</i>	<i>16</i>
<i>1.3.2 A Escola Metódica .....</i>	<i>17</i>
<i>1.3.3 O Marxismo.....</i>	<i>20</i>
<i>1.3.4 A Escola dos Annales .....</i>	<i>21</i>
<i>1.3.5 A História Nova.....</i>	<i>23</i>
<i>1.3.6 O Pós-Modernismo .....</i>	<i>24</i>
<b>1.4 A internet como instrumento de pesquisa.....</b>	<b>25</b>
<i>1.4.1 História e Internet .....</i>	<i>26</i>
<b>CAPÍTULO 2 TRÁFICO NEGREIRO.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 De onde vieram? .....</b>	<b>29</b>
<i>2.1.1 Em busca de novos caminhos.....</i>	<i>29</i>
<i>2.1.2 Origem do negro brasileiro.....</i>	<i>30</i>
<i>2.1.3 Os povos de origem banto.....</i>	<i>36</i>
<i>2.1.4 Os povos de origem iorubá .....</i>	<i>37</i>
<b>2.2 O tráfico e a escravidão segundo o pensamento marxista .....</b>	<b>38</b>
<b>2.3 O tráfico e a escravidão segundo o pós-modernismo .....</b>	<b>42</b>
<b>2.4 A chegada ao Brasil.....</b>	<b>45</b>
<i>2.4.1 O que fizeram? .....</i>	<i>45</i>
<i>2.4.2 Como se libertaram.....</i>	<i>46</i>
<i>2.4.3 Após o fim da escravidão .....</i>	<i>49</i>
<b>2.5 Os números do tráfico.....</b>	<b>52</b>
<b>CAPÍTULO 3 HISTÓRIA E INTERNET: UM BRASIL MAIS CONSCIENTE DE SI</b>	<b>54</b>
<b>3.1 A importância da História.....</b>	<b>54</b>
<b>3.2 A internet é um meio de pesquisa histórica eficaz? .....</b>	<b>55</b>
<b>3.3 O Brasil negro.....</b>	<b>55</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>58</b>



## INTRODUÇÃO

O Brasil foi colonizado pelos portugueses há mais de quinhentos anos. Com a expansão do comércio ultramarino, traficou e povoou a América portuguesa com milhões de pessoas trazidas, à força, da África. Mas a África é um continente muito grande e muito diversificado em termos de etnias e povos. Como saber de onde vieram as pessoas que foram escravizadas e traficadas para o Brasil? Quem eram esses povos, qual sua localidade? Em que ponto do Brasil desembarcaram? Quais foram as consequências desse tráfico para o Brasil? Quanto tempo durou e quantos vieram? Qual é a relação entre o presente discriminatório do ser humano negro e o passado de escravidão?

Muitos questionamentos e inúmeras dúvidas. Como respondê-las? Por meio de uma disciplina chamada História. E com o auxílio de um meio virtual chamado internet.

A História serve para saber sobre o passado? Será? O passado reserva muitos mistérios a serem decifrados. O presente está sedento por novos conhecimentos. O futuro é uma incógnita, mas que depende do presente e é herdeiro do passado. Como compreender o passado? Por meio da História. Mas, o que é História? Para que serve a História? Essas são perguntas que frequentemente são feitas nos mais diversos ambientes em que os seres humanos vivem.

Para responder a todas essas perguntas, a internet foi utilizada como um instrumento para pesquisa historiográfica. Como um meio auxiliar na busca de resposta sobre as origens do Brasil e sobre o porquê estudar História.

Foi realizado um levantamento bibliográfico e uma revisão teórica sobre teoria da História e as origens do Brasil negro e o tráfico de escravizados tanto em meio físico (livros) quanto em ambiente virtual (revistas eletrônicas). A pesquisa foi quantitativa no sentido de organizar as produções acadêmicas que tratam sobre o assunto e qualitativa no sentido de verificar o conteúdo de cada artigo pesquisado.

Este trabalho tem como objetivo indicar as origens dos africanos que desembarcaram no Brasil no período que se estende do século XVI ao século XIX. No entanto, para cumprir este objetivo, a internet foi acessada com a finalidade de corroborar com as teses apresentadas pelos mais diversos autores pesquisados nesta produção historiográfica. A internet possui uma infinidade de informações difíceis de serem atestadas como verídicas. Para isso, as produções

acadêmicas de vários historiadores foram utilizadas para confirmar algumas informações obtidas no mundo virtual.

O presente trabalho foi escrito de forma a ser lido de duas maneiras diferentes. Todas as citações foram inseridas como nota de rodapé propositalmente. Assim o leitor tem duas opções: 1) ler o texto sem ler as notas de rodapé, ou 2) ler tudo - texto e nota. A diferença principal é que, com a leitura das notas de rodapé, o leitor poderá aprofundar seus conhecimentos com base nas leituras dos pensadores da História por nós selecionados. Se preferir não ler as notas de rodapé, terá todas as informações que o trabalho objetiva oferecer em uma leitura rápida e fácil, mas não terá o complemento de todos os historiadores pesquisados.

## CAPÍTULO 1 HISTÓRIA E INTERNET?

História? O que é? Para quê estudar? Por que o ser humano precisa saber sobre o seu passado, se o passado não volta mais? Pra quê revirar os túmulos dos antepassados se eles não mais falarão com o presente? Para quê conhecer o que já se foi?

Muitos, algum dia, já ouviram ou expressaram alguns destes questionamentos. Certamente concordaram com uns e discordaram de outros, mas, ao final, tiveram dificuldades em responder, efetivamente, a todas essas questões.

### 1.1 O que é História?

Seria simples dizer que História é uma ciência que estuda o passado. Ou é uma ciência que estuda os eventos passados. Ou algo no sentido daquilo que já passou. Será? Essa seria uma resposta extremamente simplista, incompleta, tendenciosa e falha.

História é, no sentido original da palavra, investigação<sup>1</sup>, pesquisa, observação, interpretação<sup>2</sup>. Esse é o significado que os gregos antigos propuseram em sua origem. Não estava ligado propriamente ao passado dos povos, mas simplesmente ao conhecimento a respeito dos astros celestes<sup>3</sup>. Para os gregos antigos, a história é cíclica, eterna, contínua, permanente, tudo deve ser como é, todos devem seguir da forma como os heróis seguiram<sup>4</sup>. Com Heródoto, pensador grego que viveu entre 484 e 420 a. C. (pai da História), o termo “História” passou a ter características próximas daquilo que atualmente se entende pela

---

1 Segundo o site Wikipédia, “História (do grego antigo ἱστορία, (...) significa ‘pesquisa’, ‘conhecimento advindo da investigação’)”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria> acessado em 24 de setembro de 2016.

2 Segundo E. H. Carr, “História significa interpretação. (1961, p. 24)

3 Funari e Silva explicam que “a História, termo grego que já se confunde, no senso comum, com a noção de passado, como se fosse aquilo que aconteceu. Na verdade, história é um termo grego que significava pesquisa, uma observação – de novo, uma noção ligada a algo investigado pela vista. Na origem, a palavra não se restringia ao estudo do passado, era usada para qualquer pesquisa empírica sobre o movimento dos astros no céu e esse sentido da palavra se mantém, em nossa língua, na expressão história natural.” (2008, p. 14).

4 “O pensamento grego contemplava um mundo em movimento circular, com as categorias da unidade, continuidade e eternidade. Para eles, somente o movimento circular é eterno. (REIS, 2012, p. 36).

disciplina História<sup>5</sup>. Heródoto se preocupou em estudar os grandes feitos de seus antepassados, utilizando-se de recursos literários com o objetivo de agradar os ouvidos de seu público e enaltecer e exaltar aqueles que construíram a civilização em que habitava<sup>6</sup>. Já Tucídides outro grande pensador grego (460 a 400 a. C.), sucessor de Heródoto, buscou uma história mais recente (história de seus contemporâneos), sem auxílio do povo e sem a pretensão de agradar ao povo<sup>7</sup>. Seu objetivo era apresentar a história com base em uma documentação segura, confrontando testemunhos divergentes e tomando sempre cuidado com a opinião pública<sup>8</sup>, tendo como fim ter um relato para todo o sempre. É um ponto de vista completamente diferente de Heródoto; enquanto este descreve uma história mais oral e agradável do ponto de vista do público, o outro escreve uma história sem preocupações quanto à compreensão dos mais ignorantes<sup>9</sup>. Historiadores do século XIX, sobre a vertente historiográfica positivista utilizaram-se dos princípios de Tucídides para escrever História.

Na Idade Média, a História Ocidental se tornou essencialmente uma História Cristã. Despreocupada com os acontecimentos do passado e despretensiosa quanto ao caminhar do ser humano, pois o senhor da História é Deus, e tudo o que acontece é segundo os desígnios divinos<sup>10</sup>. A história se torna linear, em que o início é a criação do mundo por Deus, depois a própria encarnação de Deus feito homem (Jesus Cristo) e, por fim, o juízo final, onde todos serão julgados e, conseqüentemente, a história da humanidade terá seu ocaso<sup>11</sup>.

---

5 O estadista romano Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) denominou Heródoto de Halicarnasso (484-420 a.C.) ‘o pai da História’, epíteto que, desde então, difundiu-se e tornou-se um lugar-comum. Heródoto foi o primeiro a adotar a palavra História com o sentido que passaria a ter.” (FUNARI e SILVA, 2008 p. 17).

6 Heródoto atravessou o mundo, a recolher e ver, com os próprios olhos e a ouvir com as próprias orelhas, relatando essas experiências em praça pública. Havia, desde o início, uma função pública e literária dessas leituras tanto entreter o público como falar aos sentimentos das pessoas. (FUNARI e SILVA, 2008 p. 17).

7 Tucídides dá continuidade à nascente historiografia grega, mas se erige diferente de seu antecessor, Heródoto. (2008 p. 19)

8 Bourdê e Martin demonstram a preocupação de Tucídides com relação a escrita da História. “O historiador, segundo nos diz, deve empenhar-se na procura da verdade e para isso examinar os documentos mais seguros, portanto os mais próximos dos factos relatados, confrontar os testemunhos divergentes, desconfiar dos erros veiculados pela opinião comum...” (2012, p. 8).

9 Não falava em praça e não queria saber da opinião das pessoas, menos ainda do aplauso ilusório, pois vindo da ignorância. Não aceita tratar do que ele chama de mítico, as estorinhas. (2008, p. 20).

10 “O historiador toma o passado em uma única dimensão, confunde homens e acontecimentos, com desinteresse pela sucessão temporal, preocupado apenas com os valores eternos e absolutos intemporais. A História nada mais é do que o desenvolvimento dos desígnios divinos. (2008, p. 25).

11 “... o cristianismo introduziu uma nova visão do devir humano. Quebrou a golilha antiga da visão cíclica da história, para impor uma concepção linear desta: a história humana começa com a Criação e comporta um

Com o Renascimento a partir do século XV, a história retomou o caminho sobre o pensamento humano sem a preocupação em ligar-se com o sobrenatural. A visão antropocêntrica voltou com força total. Entretanto, somente com o iluminismo do século XVIII é que a luta contra uma história influenciada pela Igreja é que surgiu com maior ênfase<sup>12</sup>. Com isso, a História se tornou um meio sobre o qual a humanidade percebe seu progresso e evolução, não propriamente história, mas uma filosofia da história<sup>13</sup>. A história linear que antes era rumo a um juízo final, agora é uma história linear rumo ao progresso da humanidade<sup>14</sup>.

Eis que surge o século XIX. Século em que, finalmente, a História é elevada à categoria de disciplina acadêmica. Sem adentrar no nível das Escolas Históricas, mas apenas respondendo ao que acima foi perguntado (O que é História?), a História do século XIX, possui uma característica muito especial, advinda da Filosofia. História até o século XIX é uma mistura entre artes, filosofia, literatura e História. Se até então não havia propriamente História, mas sim um conjunto de escritos que permeavam entre saberes de diversos campos do conhecimento, então, novamente, se faz necessário perguntar: O que é História?

Os pensadores dos séculos XIX e XX revolucionaram o conhecimento historiográfico, transformando-o em disciplina universitária. A História passou a ser pensada, então, como sendo o estudo positivo do passado, apartando-se da literatura ou do relato estritamente religioso. Ou seja, a História passou a ser um campo do conhecimento que estuda o passado com base em documentos que descrevem estritamente os fatos como são, sem comentários, sem lirismos, sem críticas, apenas o passado como foi.

O conceito de História como conhecimento objetivo e livre da subjetividade do historiador ainda encontra discípulos no século XXI. Entretanto, novas correntes surgiram como contraposição à extrema objetividade historiográfica.

O século XX surgiu com novos ares historiográficos. O conceito de História alargou-se e se transformou em um campo de batalha com diversas formas de pensamento.

---

momento central; está orientada para um fim (a Parusia, seguida do Juízo Final).” (BOURDÉ E MARTIN, 2012, P.11).

12 “Já se estava, no século XVIII, sob o clima de luta declarada contra a influência das igrejas na interpretação do passado e na busca de uma interpretação racional do passado. (FUNARI e SILVA, 2008, p. 28).

13 As filosofias da história tomaram forma no século XVIII, na época das luzes. Nasce então as ideias do devir da matéria, da evolução das espécies, do progresso dos seres humanos. (BOURDÉ e MARTIN, 2012, p. 41).

14 Segundo José Carlos Reis: “A esperança escatológica cedeu lugar à confiança no futuro terrestre”. (2012, p. 38).

História, portanto, é o diálogo entre o historiador e o fato histórico, permitindo, com isso, a ligação entre passado e presente<sup>15</sup>. É também a referência em que a sociedade se ampara para perceber-se como participante de um todo. Passado, presente e futuro se ligam em sintonia com a História<sup>16</sup>. Ou parafraseando Reinhart Koselleck, historiador alemão do século XX e XXI, o tempo histórico nada mais é que o espaço de experiência e o horizonte de expectativa.

Portanto, História é a ciência do ser humano no tempo, no espaço, no pensamento, nas ideias e em tudo que liga o passado com o presente e o futuro<sup>17</sup>. Pois não é possível fazer História sem que haja um propósito para o presente ou para o futuro.

Após responder à primeira pergunta, pode-se seguir para as demais, que se resumem em uma só: Para quê serve a História?

## 1.2 Para quê serve a História?

Os velhos historiadores gregos, um Heródoto, um Tucídides, mais próximos de nós, os verdadeiros mestres de nossos estudos, os ancestrais cujas imagens merecerão eternamente figurar na *cella* da corporação, jamais imaginaram que, para explicar a tarde, bastasse conhecer, no máximo, a manhã. (BLOCH, 2002 p.62).

História, história e estória. Possuem somente diferenças gramaticais ou há algo além do escrito? História com o “H” maiúsculo é a disciplina acadêmica estudada nas escolas e universidades. A história com “h” minúsculo é uma história verdadeira, mas que não é objeto de estudo por parte da academia, podendo vir a ser, se tiver algo relevante para a humanidade. E, finalmente, estória é simplesmente um fato contado que não se sabe se é verdadeiro ou falso. Essa é uma divisão que a língua portuguesa utiliza para diferenciar os tipos de história.

Começando do final, estória não sendo verdade, não pode ser tomada como fato real para explicação de um dado momento. Serve apenas para divertimentos, distrações,

---

15 Segundo E. H. Carr A História “se constitui de um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado.” (1961, p. 29).

16 “A história é o privilégio que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio. Ela situa o povo no centro dele mesmo, estendendo-o de um passado a um futuro.” (CERTEAU, 2013, p. XVIII).

17 Marc Bloch afirma que História é “Ciência dos homens”, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo”. (2002, p. 55). Já o site Wikipédia complementa dizendo que História “é a ciência que estuda o Homem e sua ação no tempo e no espaço, concomitante à análise de processos e eventos ocorridos no passado. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria> acessado em 24 de setembro de 2016 às 10h e 49 min.

compreensões sobre os mais diversos assuntos, mas não como conhecimento histórico. Estórias muito conhecidas no mundo ocidental como “Chapeuzinho Vermelho”, “Os três porquinhos”, dentre outros, são contos que o ser humano cria para finalidades diversas. Sem a menor preocupação com a verdade do fato.

A história com o “h” minúsculo pode, um dia, se tornar objeto de estudo, pois, por ser verdadeira, é possível ser englobada como conhecimento acadêmico. A história de uma pessoa é uma história verdadeira, entretanto, por não ter relevância para a humanidade, não se tem interesse histórico. No entanto, se um dia essa pessoa se tornar uma referência para seu povo ou para a humanidade, e, com isso, se tornar objeto de uma disciplina acadêmica, então poderá ter seu nome ligado à História com “H” maiúsculo.

Se fez necessário explicar os termos acima para que não houvesse dúvidas em relação à função da História.

História, desde tempos antigos se busca razões para esse termo. Muitos já se debruçaram sobre tábuas, papiros, papéis, pedras, para escrever e explicar sua sociedade e seus antepassados. Inúmeras foram as formas e os métodos utilizados para falar sobre o ser humano no tempo. Em mais ou menos dez mil anos de existência do *homo sapiens* e mais ou menos cinco mil anos de existência da escrita humana, muito se tem para estudar e compreender.

Mas para que saber sobre e eventos que ocorreram há dezenas, centenas ou milhares de anos? Qual o interesse em estudar sobre os povos antigos, ou sobre os povos medievais, ou até mesmo, sobre a modernidade?

A resposta a ser dada é simples e direta. Só se estuda aquilo a que tem interesse e afinidade. Entretanto deve-se ter muito cuidado com essa resposta, pois num primeiro momento pode não haver interesse, mas pode, sim, ter necessidade. Com isso, a necessidade transformar-se-á em interesse. Por exemplo, pode surgir o interesse ou a necessidade de alguém estudar sobre o tráfico negreiro nos séculos XVI ao XIX da África para o Brasil. Qual será a importância desse estudo para a humanidade? Para que estudar sobre esse assunto se o tráfico negreiro acabou no século XIX? Por que pessoas do século XXI e demais séculos vindouros precisam saber disso? A resposta novamente é simples e direta. O tráfico de pessoas ainda existe em pleno século XXI, pessoas são retiradas de seus lares, de seus familiares, de suas comunidades e levadas para outras cidades, estados ou países. O ser humano de pele negra traficado do século XVI ao XIX se tornava apenas uma mercadoria nas

mãos de seus compradores. O ser humano de todas as peles, hoje, também se torna mercadoria nas mãos de traficantes e exploradores<sup>18</sup>.

Outro ponto a ser destacado é que o negro traficado e escravizado no século XIX constituiu família que, por sua vez, prosperou de geração em geração até os dias de hoje. As pessoas de pele negra receberam a herança de mais de três séculos de escravidão no Brasil. Parte dessa herança, apesar de nem todos perceberem, recebe o nome de discriminação, baixos salários, subempregos, pobreza, altos índices de mortalidade, prisões ilegais, falta de acesso à educação e saúde de qualidade, dentre muitos outros males que a sociedade impõe.

Mas, surge outra pergunta. Qual é a relação entre o presente discriminatório do ser humano negro e o passado de escravidão, se já se passou mais de um século? Esse é um dos trabalhos do historiador. Compreender o passado para compreender o presente, mas, compreender o presente para compreender o passado. Essa é a função da História e esse é o ofício do historiador. E, com isso, responde-se a pergunta do título e, conseqüentemente, corrobora-se com a citação do início desta seção. Como pode explicar o hoje sabendo apenas sobre o ontem?

### **1.3 As Escolas Históricas**

Após explicar sobre o que é História e para que serve, se faz necessário compreender sobre algumas vertentes historiográficas. Não serão abordadas todas as Escolas e pensamentos históricos de todos os tempos, tendo em vista não ser esse o objeto de estudo deste trabalho. Serão apresentadas algumas das escolas e linhas de pensamento que mais influenciaram a historiografia do século XIX e XX de nossa era. Esse recorte foi efetuado a partir do século XIX, pois foi o momento em que a História se tornou, efetivamente, uma disciplina acadêmica<sup>19</sup>.

#### *1.3.1 A História Positivista*

---

18 Bloch explica que “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”. (BLOCH, 2002, p.65).

19 “Ainda precisamos refletir sobre essa juventude da história, que só se torna matéria de ensino no século XIX, século fundador da história ainda hesitante entre a arte literária e o conhecimento científico. Lição de humildade para o historiador, mas também de confiança e esperança. Para a história, o vento do saber mal se levanta. É a aurora do conhecimento histórico.” (BLOCH, 2002, p.21).



A História como conhecimento científico e acadêmico teve seu início no século XIX com a chamada História Positivista. Não chegou a ser uma Escola Histórica, mas, ainda hoje possui grande influência na historiografia mundial.

Teve como provável início o ano de 1811-1812, com Barthold Georg Niebuhr (1776-1831)<sup>20</sup> que foi um dos fundadores da nova Universidade de Berlim. Outro grande colaborador da História positivista foi Leopold von Ranke (1795-1886). Ranke que, efetivamente, fundou a disciplina de História, na Universidade.

A História positivista se contrapunha, principalmente, contra a tradição literária da História cuja origem se deu em Heródoto. A História, para os positivistas, deveria ser estritamente descritiva. E a metodologia aplicada tinha como base a crítica textual, ou seja, investigação sobre a veracidade dos documentos com o objetivo de escrever a História tal qual ocorreu<sup>21</sup>. Em um sentido mais evolutivo da História.

Ainda hoje o positivismo influencia o pensamento histórico. Muitos criticam por sua extrema objetividade. Entretanto, deve-se ter em mente que, graças à estrutura rígida, árida e excessivamente descritiva é que hoje existe a disciplina de História. É importante salientar também que foi importante para o século XIX, para dar ordem ao discurso, mas não significa que no século XXI precisa ser utilizado o mesmo método e a mesma estrutura de pensamento.

### *1.3.2 A Escola Metódica*

A Escola Metódica, frequentemente confundida com a história positivista, possui características semelhantes, mas com diferenças cruciais em relação ao positivismo alemão. Surgido na França, após a derrota francesa na guerra Franco-Prussiana em 1870, que abalou as estruturas nacionais e intelectuais francesas, esta linha de pensamento histórico buscou na

---

20 “Barthold Georg Niebuhr (1776-1831) foi um dos fundadores da nova Universidade de Berlim, produto do reformismo prussiano, o primeiro historiador da nova era, se assim podemos dizer. Suas palestras sobre a História de Roma, ministradas em 1811-1812, publicadas entre 1827 e 1832, marcam a nova erudição positivista.” (FUNARI e SILVA, 2008, p. 30).

21 “Mais do que julgar, compreender o passado, baseando-se na crítica erudita das fontes, essas são as pretensões do positivismo historiográfico nascente.” (2008 p. 31).

estrutura histórica alemã o conhecimento necessário para uma reforma na historiografia da França<sup>22</sup>.

A fundação desta escola é, normalmente, datada do ano de 1876, com a publicação do primeiro número da “A Revista Histórica”. Seus principais fundadores são Gabriel Monod (1844-1912) e Gustave C. Fagniez (1842-1927). Além deles, pode-se citar Charles Seignobos (1854-1942), Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Ernest Lavisse (1842-1922).

Os principais objetivos desta escola são fazer uma história voltada para o orgulho nacional francês (perdido após a derrota para a Alemanha), uma investigação objetiva respeitando métodos estritamente definidos e afastando todo tipo de pensamento filosófico<sup>23</sup>, literário ou teológico<sup>24</sup>, propunham uma História narrativa de grandes fatos e indivíduos; por exemplo, grandes batalhas ou personagens ilustres da História, como os reis da França.

Esta escola formou grandes pensadores que reformularam todo o pensamento historiográfico francês de fins do século XIX até a década de 60 do século XX. Foram publicados livros e manuais que circularam pelas escolas e universidades de toda a França.

As publicações da “A Revista Histórica” também influenciaram sobremaneira a historiografia francesa e mundial. Sua linha de pensamento busca não orientar-se por nenhuma religião, partido ou doutrina de qualquer espécie. Entretanto, a equipe formada era prioritariamente de protestantes, sendo alguns judeus, maçons e poucos católicos, com isso, suas publicações, na prática, se voltaram para a defesa da República e seus líderes e no combate à Igreja Católica<sup>25</sup>.

A metodologia aplicada por esta linha historiográfica segue os seguintes princípios: a) apagamento total do historiador. O historiador não pode julgar nem instruir seus contemporâneos, apenas contar o que realmente ocorreu no passado; b) armazenamento, registro e classificação de todos os documentos válidos, seguros e verdadeiros, pois são

---

22 “A Escola Metódica se constitui de um conjunto de historiadores fortemente marcados pela derrota na guerra franco-prussiana de 1870 e pela pesquisa histórica alemã, fatores que muito influenciaram o pensamento histórico na França no contexto da III República (1870-1940). (FUNARI e SILVA, 2008 p. 34).

23 “A escola metódica quer impor uma investigação científica afastando qualquer especulação filosófica e visando a objetividade absoluta no domínio da história; pensa atingir os seus fins aplicando técnicas rigorosas respeitantes ao inventário das fontes, à crítica dos documentos, à organização das tarefas na profissão. (BOURDÉ e MARTIN, 2012, p.93).

24 “... desprezo, a teologia da história, à maneira de Boussuet; a filosofia da história, segundo Hegel ou Comte; e a história-literatura, à moda de Michelet.” (2012, p. 98).

25 “A Revista Histórica toma posição a favor dos governos oportunistas; procura querelas com a Igreja Católica, monárquica e ultramontana; defende a escola laica, gratuita e obrigatória.” (BOURDÉ e MARTIN, 2012, p.110).

limitados (segundo a visão metódica e positivista, os documentos são estritamente limitados e escassos, pois eles só consideram aqueles documentos escritos e oficiais. Este é um dos pontos que as escolas subsequentes irão criticar com veemência.); c) Após o arquivamento do documento, executa-se a crítica externa do documento: recolhe-se a fonte, verifica-se a originalidade ou não e, por fim, cita-se o local onde se encontra arquivado. d) Com a verificação externa, procede-se, então, à verificação ou crítica interna do documento: 1. análise do conteúdo (o que o autor quis dizer); e 2. constatação das condições em que o documento foi escrito e a respectiva crítica quanto às afirmações do autor; e) após a análise do documento, promove-se a síntese do assunto pesquisado: 1. comparação com vários documentos para estabelecimento de um fato; 2. reagrupamento dos fatos isolados, ou seja, reúne-se os diversos pontos a serem estudados, tais como: as condições geográficas e climáticas do local a ser estudado, as formas de trabalho, os grupos sociais, as instituições políticas, administrativas e jurídicas, dentre outros; 3. manipulação das informações coletadas da melhor maneira e, em caso de lacunas, utilizar-se da dedução, analogia ou qualquer outro critério que auxilie na construção de um conteúdo inteligível. 4. recorte metodológico com o objetivo de abranger o maior número de informações, pois, é impossível falar sobre todos os aspectos de todos os fatos. 5. Interpretação do conteúdo pesquisado. Esta fase deve ser tratada com muito cuidado, pois a interpretação não significa a opinião do historiador, mas simplesmente algumas considerações gerais sobre o assunto<sup>26</sup>. O historiador deve ser sempre imparcial, segundo essa escola.

A Escola Metódica, herdeira do positivismo, trata a história com extrema objetividade e firme metodologia descritiva. Sua função na História da humanidade também foi de grande importância, pois consolidou as bases para o conhecimento historiográfico acadêmico. Entretanto, conviveu com enormes contradições em sua estrutura de pensamento. Enquanto pregava a objetividade e o distanciamento do historiador, na prática, apoiava o governo de sua época e suas condutas; enquanto buscava a neutralidade religiosa, lutava com vigor contra a Igreja Católica e sua influência na sociedade francesa. Apesar das falhas e contradições, ainda hoje alguns princípios da Escola Metódica são utilizados, tendo em vista o rigor que as universidades impõem sobre a comunidade acadêmica. Como por exemplo, a obrigatoriedade de citações de autoridades no assunto. Portanto, esta linha de pensamento contribuiu e

---

26 “A última fase leva o historiador a tentar algumas generalizações, a arriscar algumas interpretações, sem manter a ilusão <<de penetrar no mistério das origens das sociedades>>. Tudo se passa como se, ao nível da síntese, a escola metódica tivesse medo de terminar.” (BOURDÉ e MARTIN, 2012, p.100).

contribui ainda hoje para uma escrita historiográfica metodológica e eficiente. Contudo, deve-se sempre ter a clara noção de que seus princípios precisam ser contextualizados e adaptados aos novos ventos da historiografia.

### *1.3.3 O Marxismo*

Karl Marx (1818-1883) filósofo alemão, do século XIX, que revolucionou a maneira de pensar a História. Por meio de suas obras, foi possível retirar ensinamentos práticos e teóricos a respeito do processo histórico como um todo. Não foi um historiador, mas deixou um legado historiográfico bastante consistente para as gerações futuras.

Marx, num primeiro momento, baseou-se nos ensinamentos de Hegel, entretanto, logo formou seu próprio modo de pensar o mundo e o homem. Friedrich Engels (1820-1895) também filósofo alemão, foi um dos companheiros de Marx e grande colaborador e continuador de sua obra.

Marx não teve uma visão específica de História, mas formulou uma metodologia, na prática, em que seu pensamento confluía para alguns conceitos que abrangiam um pensar histórico. Para ele, os acontecimentos se transformavam com base em leis econômicas; a dialética que desenvolvia o pensamento humano e a luta de classes era o grande mote de sua obra, pois é por conta da luta de classes que a humanidade se desenvolve<sup>27</sup>.

Forças produtivas, relações de produção, materialismo histórico, luta de classes, ideologia, dialética, proletariado, comunismo, dentre outros, são conceitos obrigatórios na concepção marxista de História. Para isso, é importante saber cada um deles.

As forças produtivas são fontes de energia primária (petróleo e carvão), são as máquinas (fontes de energia secundárias), o conhecimento científico e o ser humano. Relações de produção são as relações que as pessoas efetuam entre si para produzir e dividir bens ou serviços<sup>28</sup>. Materialismo histórico é a possibilidade de a vida material ou econômica se impor sobre a vida social, política e até mesmo intelectual. Ideologia é o modo de pensar de

---

27 “Na síntese final de Marx, a história significava três coisas inseparáveis entre si e formando um todo coerente e racional: a transformação dos acontecimentos de acordo com objetivos e leis primordialmente econômicas; o desenvolvimento correspondente do pensamento através de um processo dialético; a ação correspondente na forma de luta de classes, que reconcilia e une a teoria e a prática da revolução.” (CARR, 1961, p. 116).

28 “... as relações de produção – remete para as relações sociais que os homens estabelecem entre si a fim de produzirem e de dividirem entre si os bens e os serviços.” (FUNARI e SILVA, 2008 p. 149)

uma elite exploradora<sup>29</sup>. O processo dialético, que nada mais é que uma oposição ou conflito que se dá por meio das lutas de classes, em que uma classe explora a outra. O explorador detém os meios de produção e o explorado somente a força de trabalho. O proletariado é a massa explorada criada pelo capitalismo. Por fim, comunismo é a fase final de evolução da sociedade, mas para isso, é necessário, primeiro passar pelo capitalismo e só então chegar ao auge da evolução social humana. É uma sociedade sem classes e sem Estado em que todos se utilizam igualmente dos meios de produção.

O marxismo não é uma corrente histórica, nem possui uma metodologia formulada para os estudos históricos. Todavia, é possível, a partir dos estudos de Marx, produzir um conhecimento historiográfico consistente. Observando a dialética da luta de classes e todos os demais conceitos subentendidos e o fator econômico como uma forte influência sobre o social e político é possível observar a História com um viés marxista. Mas, sempre lembrando que, para o marxismo, História deve ser pensada para o futuro. Ou seja, as informações coletadas com a pesquisa do passado devem fornecer subsídios para a transformação do futuro.

É importante deixar claro que foram utilizados apenas alguns conceitos a respeito da teoria marxista. Há uma infinidade de outras fontes de informações e pensamentos a respeito dessa corrente de pensamento. No entanto, para uma compreensão básica somente os conceitos acima tratados já se tornam suficientes.

#### 1.3.4 A Escola dos Annales

A Escola dos Annales transformou e renovou a maneira como se escreve e pensa a História. A França foi palco da criação de mais um movimento que abalou as estruturas historiográficas mundiais. Em 1929 foi fundada a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* sobre a qual formou-se a Escola dos Annales.

Seus fundadores e principais pensadores foram: Lucien Febvre (1878-1956), Marc Bloch (1886-1944) e Ferdinand Braudel (1902-1985). Marc Bloch teve um final prematuro por conta da Segunda Guerra Mundial, morreu fuzilado pelos Nazistas em Lião – França em junho de 1944. Após a morte de Bloch, Febvre assume sozinho a direção da Escola que, mais tarde, passou a ser ocupada por Braudel, discípulo de Febvre.

---

29 “Karl Marx concebe a ideologia como um sistema de valores que um grupo dirigente impõe a toda a sociedade.” (BOURDÉ e MARTIN, 2012, p.100).

A visão de História proposta por esta escola se contrapunha à Escola Metódica. Seu objeto de estudo prioriza uma História de longa duração e total (em que sejam abordados todos os aspectos da vida humana<sup>30</sup>), econômica em detrimento da política, uma História social, geográfica, das mentalidades, cultural e, principalmente, pluridisciplinar (em que o historiador utiliza-se dos mais diversos campos do conhecimento para fazer História, tais como: a geografia, filosofia, etnologia, economia, psicologia, linguística, etc). Com isso, o historiador se torna um pensador da totalidade, abrangendo todos os aspectos do ser humano no tempo.

Sua metodologia abrange um grande espectro do conhecimento humano, mas sem engessar a escrita do historiador. a) o historiador permanece imparcial e a História permanece objetiva, mas substitui a História narrativa dos metódicos para uma História problema, pois, se não há um problema, não há o que se estudar; b) a escrita se torna mais livre e menos descritiva, entretanto com semelhante rigor ao da Escola Metódica. c) a documentação permanece a “dita” verdadeira, pois não se pode fazer ciência com dados falsos ou incorretos. No entanto, a gama de documentos aumentou exponencialmente e multiplicaram-se os tipos de fontes. Para a Escola dos Annales tudo o que pode ser aproveitado como material para se escrever história pode ser utilizado, não somente escritos, mas também materiais frutos de escavações arqueológicas, obras de arte, dentre outros<sup>31</sup>. O documento, também, não possui uma verdade em si, ele é apenas um vestígio do passado, necessitando, com isso, de um tratamento. d) deve-se pensar em um primeiro momento em uma História vista sob o aspecto da longa duração, condições geográficas como o clima, vegetação, os mares, montanhas, rios, oceanos e seu longo curso com o passar dos anos, décadas, séculos, milénios, um tempo quase eterno. Contudo, é preciso deixar claro que há variações, mesmo que lentas, nas condições geológicas e geográficas. e) depois é importante observar as estruturas sociais. Os agrupamentos humanos com suas comunicações, comércio, economia, política, demografia, influências externas, etc. f) por fim, verificar uma História de curta duração. O indivíduo, o acontecimento, o evento. Não necessariamente deva ter essa ordem. É apenas uma orientação exemplificativa daquilo que a Escola dos Annales sugere como escrita da História.

---

30 “L. Febvre apela com os seus votos para uma história total, que aborde todos os aspectos das atividades humanas.” (BOURDÉ e MARTIN, 2012, p.118).

31 “Contrariamente ao que Ch.-V. Langlois e Ch. Segnobia defendem, M. Bloch afirma que <<o stock de documentos>> de que a história dispõe não é limitado; sugere não utilizar exclusivamente os documentos escritos e recorrer a outros materiais: arqueológicos, artísticos, numismáticos, etc.” (BOURDÉ e MARTIN, 2012, p.121).

A Escola dos Annales diferenciou-se das demais orientações históricas de seu tempo por priorizar, não um documento escrito e limitados a informações oficiais, mas por aceitar as mais diversas formas e possibilidade de fornecimento de informações para a construção da História. Além disso, a História não é estritamente descritiva, muito menos amarrada em uma única estrutura política, o econômico, social, mental, psicológico, social e cultural também são importantes<sup>32</sup>.

### *1.3.5 A História Nova*

A História Nova é a herdeira imediata da Escola dos Annales. Teve seu início no ano de 1978, na França, com a publicação da Coleção “História Nova”, cujo diretor foi Jacques Le Goff (1924-2014). Não se separou da Escola dos Annales, foi apenas uma nova geração de pensadores.

A visão historiográfica desses novos historiadores manteve-se como das gerações passadas dos Annales, mas com algumas sensíveis modificações. O campo de pesquisa alongou-se ao extremo, pois, se num primeiro momento pensava-se em História socioeconômica e psicológica, com Bloch e Febvre; num segundo momento houve uma preocupação com o socioeconômico e demográfico; já a História Nova, em um terceiro momento, preocupou-se com todas as anteriores, mas também com temas mais abrangentes e específicos ao mesmo tempo<sup>33</sup>. O medo, a morte, a doença, a loucura, a família, o sexo, e tantos outros conceitos, se tornaram objetos de estudo por parte dos historiadores<sup>34</sup>. Outro ponto abordado pelos historiadores dessa nova geração é o fato de buscar também o estudo (assim como a Escola Metódica) dos eventos, dos acontecimentos, da política, da biografia.

---

32 “Em um plano global, o grupo se distinguia dos historiadores anteriores por algumas características centrais: percepção do social em detrimento do individual; inserção em novos e diferentes campos – além do político, o econômico, o social e o cultural; pressuposto de uma história problema, em substituição à tradicional história narrativa, dos acontecimentos.” (FUNARI e SILVA, 2008 p. 58).

33 “Se a primeira geração foi marcada pelas preocupações de uma história socioeconômica e psicológica, e a segunda por preferir o imaginário e a psicologia coletiva em benefício do socioeconômico e do demográfico, a terceira o é pela recusa e aceitação desses diferentes vetores.” (FUNARI e SILVA, 2008 p. 71).

34 “Epistemologicamente, a terceira geração pode ser definida pela ampliação de temas de pesquisa e pelo aporte interdisciplinar à história. Temas como a morte, doença, alimentação, sexualidade, família, loucura, bruxaria, mulher, clima etc., são estudados à luz das diferentes áreas do conhecimento, levando ao limite a abertura da disciplina propugnada por Febvre e marcando a passagem quase exclusiva de preocupações socioeconômicas e demográficas em declínio para uma história mais antropológica. (2008 p. 71).

Esse retorno não significa uma volta ao pensamento metódico, mas a uma nova maneira de pensar sobre temas estudados pelos historiadores antigos.

Não há ruptura no pensamento dos Annales e da História Nova, mas apenas um novo caminhar para a historiografia francesa e mundial. Novos temas, novos campos de pesquisa, novas abordagens, novos problemas. A História se renova e se refaz buscando novas identidades e um novo fôlego, pois se há interesse é porque há um problema a ser solucionado ou simplesmente apresentado.

### *1.3.6 O Pós-Modernismo*

Longe de ser uma corrente historiográfica ou uma Escola Histórica, o pós-modernismo é uma maneira diferenciada de ver o mundo e as ciências como um todo. Após a crise do sistema moderno preconizado pelo século XIX e exaltado no início do século XX. A pós-modernidade apresenta a falência desse modelo modernista, de uma ciência voltada para um progresso utópico e imaginário. Falência de uma ciência que se diz objetiva, imparcial e voltada para um mundo em constante crescimento.

O século XX foi palco de duas grandes guerras mundiais, as maiores de todos os tempos. Isso graças à tecnologia e a ciência aplicada à guerra. No entanto, pouco se fez para alterar o curso do pensamento humano sobre si próprio. As ciências permaneceram hipocritamente objetivas e o homem imerso em suas ilusões. Com a Guerra Fria que deixou o mundo em um constante clima de tensão por quase cinco décadas, em que Estados Unidos da América e a antiga União Soviética travaram uma luta econômica, política, militar e, principalmente, ideológica; o pensamento historiográfico, mais uma vez, tomou novos rumos.

A História, além de seguir caminhos percorridos pelos annales, marxistas, metódicos e diversas outras correntes menores, também passou a revisitar uma História a muito esquecida, influenciada pela Filosofia, Sociologia e Antropologia. Essa redescoberta tornou a História novamente um campo com um viés mais subjetivo (pois o historiador é influenciado pelo meio em que vive e a formação a qual foi forjado), além disso, tornou-se uma História mais democrática, inclusiva e revisionista, que busca, não só o mundo europeu, mas todas as partes do Globo Terrestre. Há História em todos os lugares e em todas as sociedades, comunidades, grupos e até indivíduos<sup>35</sup>.

---

35 “... ‘novos’ grupos passam a ser incluídos no discurso histórico; novas problemáticas são colocadas por e em relação a esses grupos, em conjunto com práticas que lhes conferem maior visibilidade e fazem coro a mudanças



O novo rosto da História tem a feição de um mundo inteiro ávido por conhecimento. O planeta é o objeto de estudo da História, desde o globo como um todo, até o menor dos indivíduos. Tudo é História, tudo é conhecimento, todos são protagonistas. Até mesmo um homem retirado da periferia de um grupo no interior de um Reino na África e levado para o interior de uma colônia quase desconhecida em um continente afastado da Europa Imperialista, nos idos do século XVI, ou XVII, ou XIX. Também esse homem pode ser protagonista da História.

#### 1.4 A internet como instrumento de pesquisa

A pesquisa histórica aprimorou-se. Os meios e formas de pesquisa se multiplicaram e se expandiram. É possível pesquisar sobre os mais diversos assuntos, nas mais diversas localidades sem sair de casa. Esse é o poder que a internet permite ao pesquisador.

A Idade Contemporânea, beneficiária da evolução que a imprensa proporcionou<sup>36</sup>, utilizou todo o conteúdo acumulado por mais de cinco milênios de existência da escrita do homem, para, mais uma vez, inovar. Em meados do século XX, o mundo viu nascer aquilo que iria transformar definitivamente as relações entre os seres humanos: a INTERNET.

A internet foi criada na década de 60 do século XX. No contexto da Guerra Fria, (Guerra ideológica entre Estados Unidos e União Soviética, as maiores potências do século XX que influenciaram o modo de vida de todo o planeta), seu objetivo era criar uma forma de armazenar dados e compartilhar por meio de uma rede interligada em diversos computadores. A primeira funcionalidade foi transmitir dados militares, mas em pouco tempo o mundo já estava totalmente interligado por essa rede que hoje é chamada de internet ou *World Wide Web*, o famoso “WWW”. Não há um órgão internacional que controla as informações da internet, mas cada país pode criar regras de acesso às informações que circulam na rede

---

que se operam no meio historiográfico desde pelo menos os anos 70 do século passado.” (FUNARI e SILVA, 2008 p. 88).

36 A imprensa foi criada no século XV, por Johannes Guttenberg, inventor alemão que revolucionou a forma de armazenar o conhecimento humano. De textos manuscritos em papiros, pedras de argila ou papéis extremamente perecíveis, a livros impressos e copiados centenas e milhares de vezes em material cada vez mais resistente. O conhecimento se propagou como um rastro de pólvora. A facilidade à informação transformou significativamente a vida de todo o planeta. Graças a Guttenberg.

mundial de computadores. Entretanto, diversos órgãos internacionais se reúnem frequentemente para definir protocolos para formatação de endereços eletrônicos, com o objetivo de facilitar a criação e geração de informações no mundo virtual.

Atualmente, bilhões de pessoas estão conectadas ao mesmo tempo em um ambiente virtual. Neste universo circula uma quantidade de informações impossível de se calcular. A internet possibilitou que o conhecimento permanecesse armazenado em uma “nuvem”, e não mais em papiros, pedras de argila ou papel, mas em máquinas que transportam informações que não necessariamente necessitem de um meio físico intermediário entre o emissor e o receptor. Com um aparelho móvel conectado à internet é possível transmitir dados de uma ponta à outra do planeta.

Apesar de ainda ser necessário o meio físico para a pesquisa histórica, os arquivos digitais dos diversos acervos espalhados pelo mundo facilitaram sobremaneira a busca pelo conhecimento. A rede mundial de computadores facilitou o acesso a esses acervos, transformando a forma de pesquisa científica. Se antes era necessário viajar para pesquisar em determinados locais, hoje, com alguns cliques, pode-se pesquisar sem sair de casa. Esse é o diferencial que a internet proporcionou ao pesquisador: acesso fácil e rápido a todos os dados disponíveis.

#### *1.4.1 História e Internet*

Como o objetivo deste trabalho é analisar as pesquisas sobre as origens do Brasil Negro e o Tráfico de Escravizados, o ambiente virtual da internet, foi o meio acessório primordial para o desenvolvimento desta investigação histórica.

Muitos endereços eletrônicos foram pesquisados e citados. Entretanto, um em específico, foi utilizado de maneira mais aprofundada. O sítio eletrônico da Universidade de São Paulo – USP.

Por que este site? Este endereço foi escolhido por meio de uma metodologia simples: A busca foi realizada no site [www.google.com.br](http://www.google.com.br) (endereço especializado em busca de informações por toda a internet, seja nacional, seja internacional). Após solicitar a pesquisa no GOOGLE com as palavras-chave “Origem do Negro e Tráfico de Escravizados”, o primeiro site de universidade federal brasileira que surgiu, foi o sítio da Universidade de São Paulo. Ou seja, os critérios de pesquisa foram: 1) sites de Universidades federais no Brasil; 2) O

primeiro site de Universidade federal brasileira que surgisse na pesquisa do buscador GOOGLE.

Por que estes critérios? A escolha destes critérios tomou como base as informações que estão disponibilizadas para o público em geral, no ambiente virtual. Quando uma pessoa pesquisa na internet sobre determinado tema, qual é a qualidade da informação? No caso do tema deste trabalho, o primeiro site de Universidade apareceu como a 14ª opção, na segunda página da pesquisa. O GOOGLE tem como critérios de prioridade a quantidade de acesso e o pagamento de determinados sites para que sua pesquisa apareça entre os 10 primeiros sites a surgirem em uma pesquisa. Pode-se, com isso, concluir que os sites de Universidade não são acessados com frequência e, que as informações produzidas na academia não despertam o interesse do público em geral.

A Universidade de São Paulo mantém a “Revista de História” nome designado à revista semestral que publica artigos, resenhas e resumos sobre os mais diversos assuntos relacionados à disciplina de História, nos idiomas português e espanhol. Esta revista foi fundada no ano de 1950 e, desde então, divulga para o público em geral assuntos históricos de relevância para o Brasil e o Mundo.

Ao pesquisar sobre o tema “As origens do Brasil Negro e o Tráfico de Escravizados”, nas 173 edições da Revista de História da USP (atualmente a revista possui 174 edições), foram selecionadas 22 publicações, desde o ano de 1961 até 2015 (ano em que foi realizada a seleção). Das 22 publicações, 14 efetivamente foram lidas e utilizadas no trabalho. As demais não tinham uma relação direta com o objeto de pesquisa. Portanto, o que se verá a seguir é o resultado de uma pesquisa aprofundada em livros físicos e nos mais diversos sites da Web.

## CAPÍTULO 2 TRÁFICO NEGREIRO

Após uma passagem por boa parte da teoria historiográfica dos séculos XIX e XX, faz-se necessário aplicá-las com base em seus métodos e linhas de pensamento. Não será possível abranger todas as diretrizes e metodologias de todas as escolas. No entanto, serão aplicadas as que melhor se adaptam ao conteúdo apresentado.

Como início do processo historiográfico, foram selecionados livros e artigos referendados pela comunidade acadêmica. Assim, todos os artigos selecionados na Rede Mundial de Computadores tem sua origem no endereço eletrônico da Universidade de São Paulo. O método de escolha deste site foi: 1. Selecionar as universidades brasileiras; 2. Verificar qual possui o conteúdo mais acessível ao público em geral. Esta segunda parte foi comprovada após acesso ao site de buscas [www.google.com.br](http://www.google.com.br), e a primeira universidade a surgir na pesquisa sobre o tráfico negreiro foi o endereço eletrônico da Universidade de São Paulo. Alguns fatores permitem que um endereço seja visualizado à frente de outros em uma pesquisa no Google: ou o site é acessado por muitos usuários, ou o site paga uma taxa para a empresa Google, para que seu endereço apareça em primeiro plano. Independentemente da estratégia utilizada pela Universidade, fato é que foi o primeiro endereço de Universidade a surgir como possibilidade de pesquisa sobre o tráfico negreiro. Quanto à escolha dos livros a serem utilizados nesta pesquisa, todos foram retirados de conteúdos programáticos do curso de graduação em História do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, ou selecionados pela orientadora da pesquisa em questão. Os demais endereços eletrônicos que porventura tenham surgido e utilizados na pesquisa, somente o foram por conter conteúdo semelhante aos escritos por pensadores consagrados pela comunidade acadêmica, por exemplo: sempre que o site Wikipédia (<https://pt.m.wikipedia.org>) foi acessado, houve também um livro com o mesmo assunto corroborando a informação<sup>37</sup>.

Outro ponto a ser esclarecido é que todas as informações apresentadas em toda a pesquisa possuem amparo teórico em algum livro ou artigo pesquisado. Os dados deste trabalho foram comparados com diversos autores como expresso nas referências ao final desta pesquisa. Por fim, o recorte metodológico foi realizado. As informações sobre o tráfico negreiro serão abordadas com base em uma estrutura de longa duração: 1. Será apresentado o

---

37 Este parágrafo apresenta boa parte daquilo que a Escola Metódica apresenta como uma metodologia em que os historiadores devem cumprir. Percebe-se que, ainda hoje, são utilizados os mesmos princípios do século XIX.

local de origem em que os negros foram raptados e conduzidos para o Brasil; 2. O funcionamento do tráfico de escravos entre África-Brasil. 3. Os portos africanos que partiam os navios negreiros para o Brasil; 4. E, por fim, a localidade em que foram desembarcados no Brasil e em que foram empregados. Com isso fecha-se o ciclo de quase quatro séculos de tráfico legitimado e autorizado pelo Governo português e brasileiro, pois no ano de 1850 o tráfico negreiro ultramarino tornou-se definitivamente ilegal<sup>38</sup>.

Serão analisadas as estruturas e infraestruturas da sociedade escravista, observando, principalmente, a luta de classes e a consciência quanto a exploração da força de trabalho por parte dos senhores, mas sempre pensando em uma História voltada para uma solução para o futuro<sup>39</sup>.

## 2.1 De onde vieram?

### 2.1.1 *Em busca de novos caminhos*

Portugal foi a nação pioneira quanto ao desbravamento do Oceano Atlântico, na Era moderna. As rotas comerciais marítimas conhecidas pelos europeus para se chegar até a Ásia, sempre seguiam o curso rumo ao mar Mediterrâneo, ou via terrestre (muito mais caro e perigoso). Entretanto, os entrepostos comerciais marítimos eram também extremamente dispendiosos.

A solução encontrada foi seguir rumo ao desconhecido. O Oceano Atlântico sempre foi um enigma para os povos europeus da antiguidade. No entanto, Portugal não se intimidou e se enveredou em busca de mares nunca antes navegados<sup>40</sup>.

O provável objetivo da coroa portuguesa era contornar o continente africano (somente conhecido via terrestre ou via mar Mediterrâneo) até chegar às Índias, com o qual faria comércio sem entrepostos, embora também tivessem outros motivos para tal

---

38 Essa perspectiva de longa duração e a seleção sobre o assunto em questão “O tráfico Negreiro” é um campo em que a Escola dos Annales e a História Nova possibilitaram como uma pesquisa a ser realizada pelo historiador. Não mais grandes acontecimentos, ou grandes personalidades, mas uma História que abrange diversos campos do conhecimento em um período de tempo maior de análise.

39 Este aspecto a ser analisado segue uma linha de pensamento marxista.

40 “No despontar da Idade Moderna, com as grandes navegações empreendidas a partir de Portugal, sociedades africanas da costa atlântica, até então nunca visitada por povos de fora do continente, também passaram a fazer parte de circuitos de relações intercontinentais. (FIGUEIREDO, 2009, p. 94).

empreendimento<sup>41</sup>. Embora outros navegadores já houvessem desbravado e conhecido a costa atlântica africana, foi Bartolomeu Dias (grande navegador português) o primeiro a chegar ao extremo sul do continente africano. Em 1486, o então rei de Portugal D. João II, o encarregou de encontrar o caminho das Índias, contornando a África. Partiu em 1487 e retornou em 1489, com a notícia de ter chegado ao fim do continente, mais precisamente, ao cabo das Tormentas (nome designado pelo próprio Bartolomeu Dias após enfrentar grandes tempestades), mas rebatizado de Cabo da Boa Esperança pelo rei de Portugal (pois trazia a esperança de, finalmente, chegar às Índias por meio deste caminho)<sup>42</sup>.

Com esses empreendimentos marítimos, Portugal passou a conhecer mais profundamente a costa africana e não tardou em comerciar com a população local. Os portugueses negociavam de tudo, desde mantimentos para as viagens, até ouro, marfim e pessoas<sup>43</sup>. Desde o século XV Portugal já traficava pessoas para a Europa, mas somente no século XVI, com a descoberta e povoamento do Brasil pelos europeus, é que teve início o tráfico de escravos para a América portuguesa<sup>44</sup>.

### *2.1.2 Origem do negro brasileiro*

Que os negros foram forçosamente trazidos da África para o Brasil desde o século XVI, isso todo mundo já sabe. No entanto, a África é um continente extremamente grande e diversificado em termos de faixa contínua de terras, e em termos de agrupamento humano<sup>45</sup>. Por isso é que se faz necessário saber: qual a origem do negro africano que habitou e povoou

---

41 “O que deve ter levado aqueles portugueses a empreender estas ousadas viagens de descobrimento, é assunto controvertido . Teria sido a procura de lucros, a luta por riqueza e poder, ou havia também motivos idealistas, um impulso de pesquisa científica e fé cristã? Do cronista oficial do Infante D. Henrique, Gomes Eanes de Zurara, em sua Crônica dos feitos de Guiné (1453), extraímos os seguintes motivos para os empreendimentos na África. Esforço por um maior conhecimento geográfico, expansão da fé cristã, estabelecimento do poder e das fronteiras do mundo árabe e o desejo de relações comerciais, bem como ligação militar com os países supostamente cristãos na retaguarda dos mouros. (AUTOR, 1964, p. 41).

42 O autor trata da viagem de Bartolomeu Dias em direção às Índias. Bartolomeu chegou apenas ao cabo da Boa Esperança, mas já abriu caminho para que em 1500, Vasco da Gama, finalmente chegasse às Índias. “...a 10 de outubro de 1486 Bartolomeu Dias fôra encarregado da chefia desta nova expedição . A partida deve ter-se dado entre fins de julho e começo de agosto de 1487 e o retôrno a 2 de dezembro de 1488. (1964, p. 41).

43 “1441 é a data mais recuada da inauguração de Portugal no comércio de escravos africanos. (TAVARES, 1988, p. 101).

44 O registro histórico mais antigo da chegada dos escravizados data de 1533. (MELO e BRAGA, 2010, p.53).

45 A palavra agrupamento foi inserida propositalmente, tendo em vista não haver nenhum tipo de comparação com os termos utilizados nas sociedades europeias, tais como: povos, nações, países ou reinos.

o Brasil escravista dos séculos XVI ao XIX? Essas pessoas foram trazidas como escravos, mas também como civilizadores de um continente. Além de seus corpos, eles trouxeram aquilo que restou de sua cultura, religião, costumes, artes, língua e tudo o mais que a alma e a mente pudessem carregar<sup>46</sup>.

Os africanos foram trazidos de diversas localidades, dentre elas as regiões que atualmente correspondem ao Senegal, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Gana, Togo, Benin, Nigéria, Níger, Gabão, Congo, Cabinda, Angola, Moçambique e Sudão. Essas regiões eram grandes fornecedoras de escravos ao Brasil do século XVI ao século XIX.

No século XVI foram traficados, principalmente, povos oriundos da Costa da Mina. Esses povos são os que hoje habitam as regiões de Gana, Togo, Benin e Nigéria, além de povos vindos do Senegal, Guiné, Guiné-Bissau, Serra Leoa, Nigéria, Níger e Gabão<sup>47</sup>. Já no século XVII a predominância foi para os povos oriundos das regiões de Congo, Cabinda e Angola. O século XVIII e XIX viu chegar ao Brasil, além dos povos já conhecidos das regiões anteriores, também os povos do Sudão e de Moçambique. Apesar da grande distância, no século XIX essas escravidões se tornaram vantajosas por conta da grande fiscalização britânica nos portos do atlântico africano (a partir do século XIX a Inglaterra passou a fiscalizar os portos africanos, pois firmou acordo com diversos países europeus e americanos com o fim de acabar com o tráfico negreiro).

Os principais portos em que os escravos embarcavam eram na Costa de Angola: Cabinda, Luanda, Benguela e, em menor grau, o porto de Ambriz. Desses portos chegavam pessoas de diferentes etnias tais como: os ovimbundos, dembos, ambundos, imbangalas, quiocos, lubas, lundas, congos e tios<sup>48</sup>. Na Costa da Mina os principais portos eram os de Ajudá e Lagos, além de utilizarem como rotas de apoio as ilhas de São Tomé e Príncipe. Mais acima, eram utilizados também os portos da Guiné com apoio da ilha de Cabo Verde. E mais

---

46 Alberto da Costa e Silva informando sobre o que os negros escravizados traziam para o Brasil. “Mais importante ainda foi a bagagem que trouxeram consigo, e era toda a que lhes cabia na alma, compreendendo religião, tradições, valores, saberes e comportamentos.” (FIGUEIREDO, 2009, p. 9). Melo e Braga corroboram dizendo que “Não carregavam nada consigo, apenas as lembranças de uma terra que nunca mais veriam e a memória de seus familiares deixados para trás.” (2010, p. 54).

47 Melo e Braga afirmam que os primeiros africanos a embarcarem no Brasil são oriundos da Guiné. “Os originários da Guiné foram os primeiros a aportar aqui.” (2010, p.53).

48 “Os escravos que chegavam ao Brasil eram embarcados em alguns portos africanos como Luanda, Benguela e Cabinda, na costa de Angola, Ajudá e Lagos, na Costa da Mina, e mais tarde no porto de Moçambique. De Benguela vinham principalmente ovimbundos; de Luanda, dembos, ambundos, imbangalas, quiocos, ludas e jundas; de Cabinda vinham congos e tios. Todos pertencentes ao grupo linguístico banto.” (SOUZA, 2006, p. 85).

para o final do tráfico negreiro, nos idos do século XIX, foram utilizados os portos de Moçambique. A imensa maioria dos povos da Costa da Mina possuía origem linguística Iorubá. Já aqueles que provinham da Costa da Angola e Moçambique possuíam origem linguística Banto.

Os negros que chegavam ao Brasil, apesar de terem origens diversas, eram chamados de acordo com os portos de onde eram embarcados na África. Como negros angola, cabinda, benguela, congo, moçambique. Já aqueles que chegavam da Costa da Mina eram chamados de escravos mina ou guiné. Entretanto, com o tempo, passaram a ser designados por outros nomes. Aqueles oriundos da região de Oiô, na Bahia eram chamados de jegês, e os povos de origem iorubas passaram a ser chamados de nagôs.

Havia também povos advindos de etnias hauçás, oriundos também dos portos da Guiné. Esses povos foram islamizados pelos árabes muito tempo antes de os portugueses chegarem à África. Ao desembarcarem no Brasil, em Salvador, no século XIX, esses povos africanos impuseram seus costumes, sua religião, e marcaram sua chegada transformando a população local. Um dos fatos mais conhecidos foi a revolta dos malês, como eram chamados na Bahia. Essa insurreição, ocorrida no período regencial brasileiro, no ano de 1835, foi mobilizada por escravizados de origem islâmica. Esses buscavam com a revolta, a liberdade, impor a religião islâmica e escravizar os não islâmicos.

Apesar de terem povos de grande parte da África, aqueles de origem banto foram os que mais povoaram o Brasil escravista, mais precisamente, aqueles oriundos de Angola. Esses povos merecem um destaque especial.

As imagens abaixo indicam a rota do tráfico de escravizados da África para o Brasil:



Imagem 1: Fluxo de escravizados no século XVI.

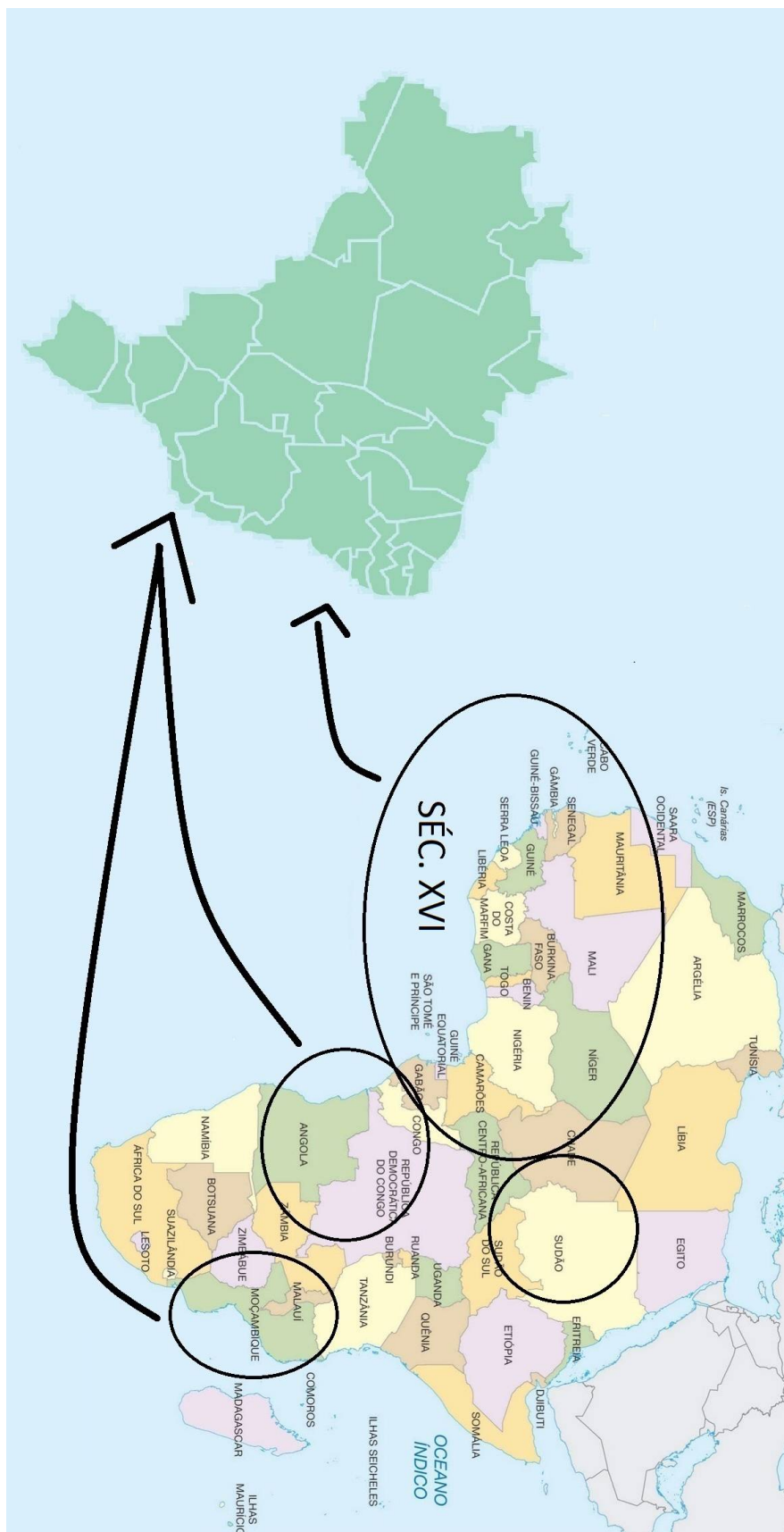


Imagem 2: Fluxo de escravizados no século XVII.

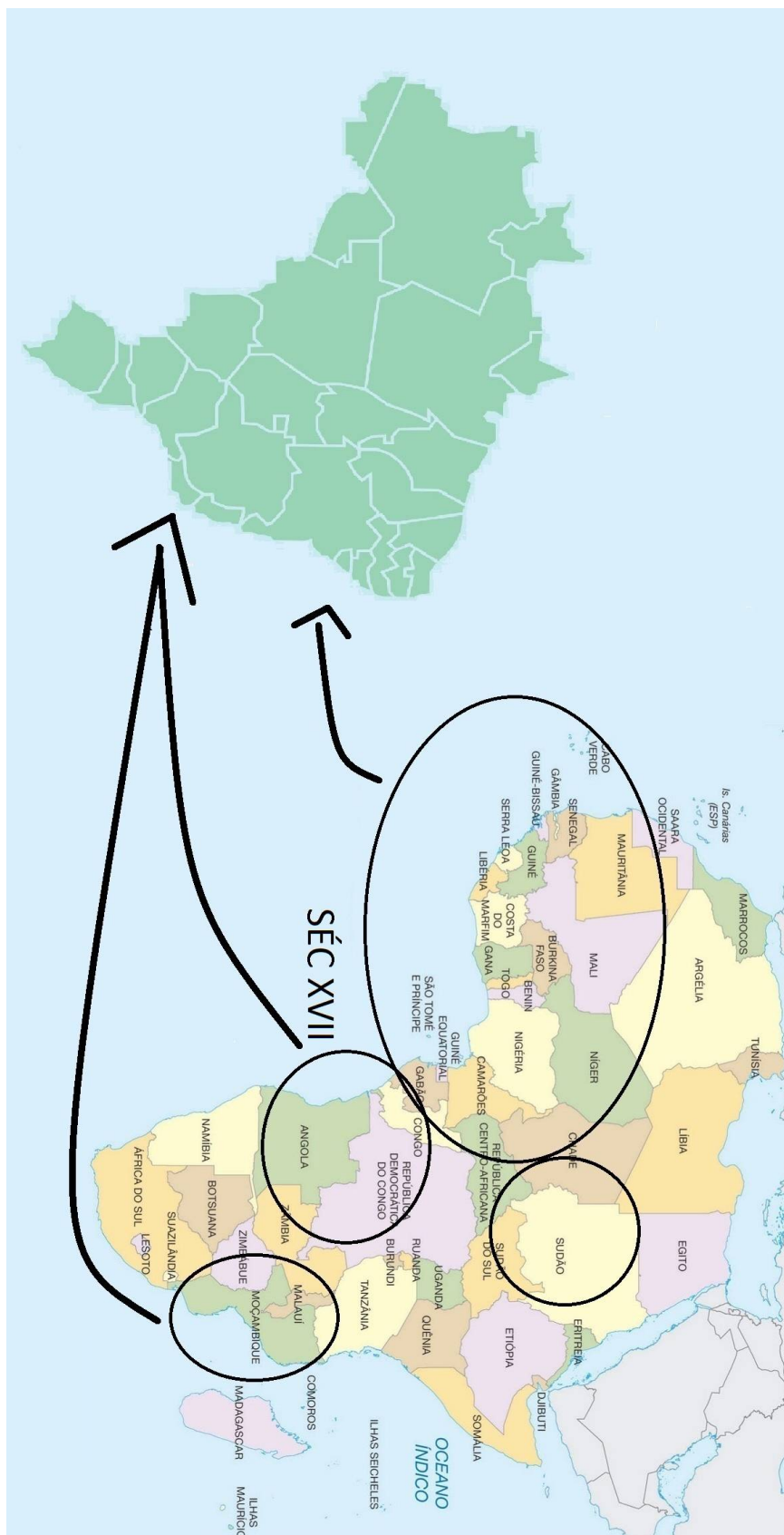
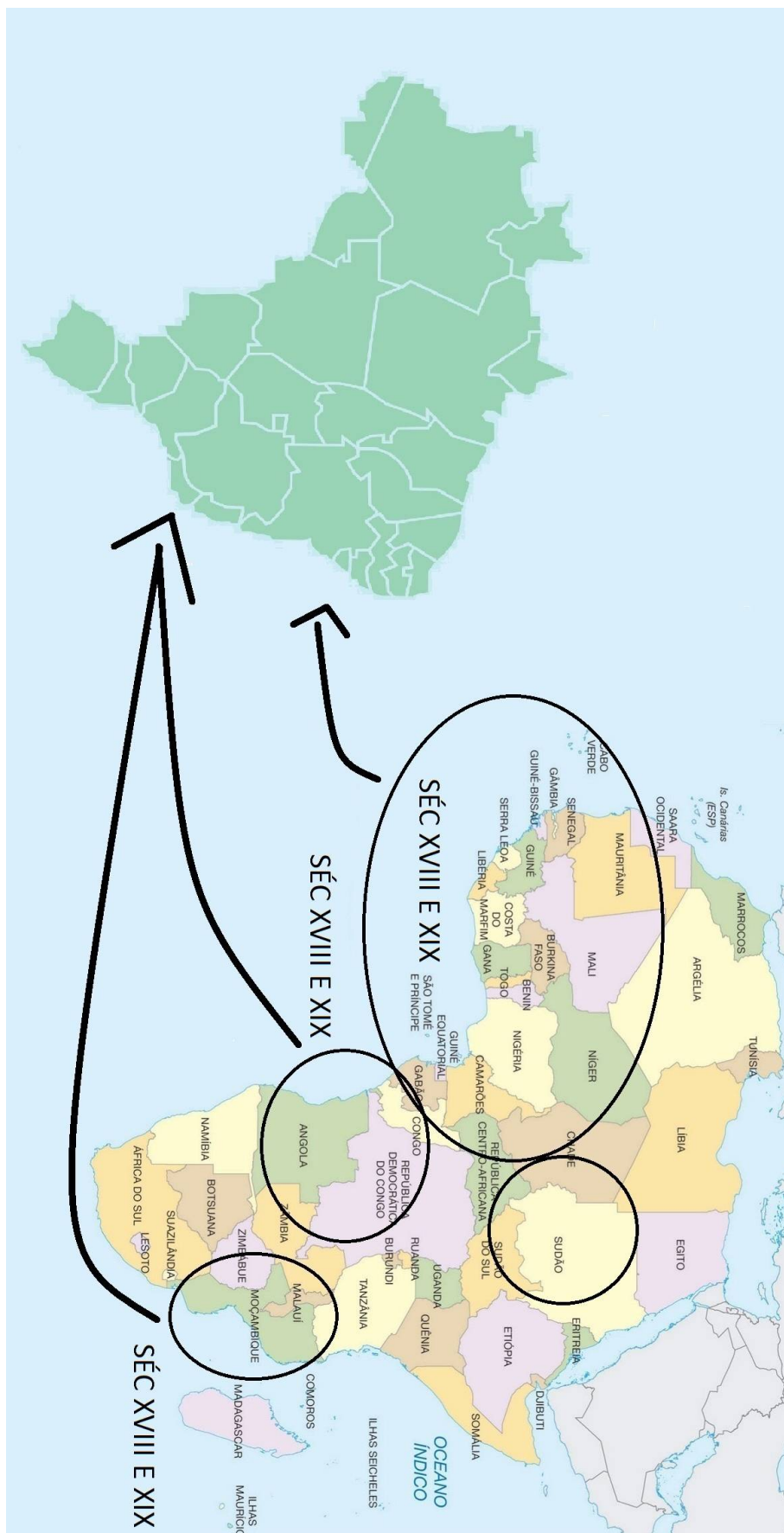


Imagem 3: Fluxo de escravizados nos séculos XVIII e XIX.



### 2.1.3 Os povos de origem banto

Na região da África central, área que se inicia do rio Senegal até o rio Cross<sup>49</sup>, viviam e vivem povos de origem banto. Esses povos possuem características muito similares e ocupam a maior parte da África. Provavelmente originaram-se da região hoje conhecida como Camarões. Ocuparam locais em que antes habitavam outros povos, influenciando grande parte da África.

A língua, a cultura, a religião e a organização social são muito semelhantes. No princípio, eram povos nômades, mas que com o passar dos séculos foram se transformando e ocupando as mais diversas localidades no continente africano. Eram povos que dominavam a agricultura e eram habilidosos na arte de trabalhar o ferro. Por onde passavam, impunham a sua superioridade pela força ou apenas se misturavam com outras etnias. Mas sempre impondo seus costumes<sup>50</sup>. Com o tempo, boa parte da África já vivia prioritariamente da agricultura e manipulavam o ferro para utilizá-lo como instrumento de trabalho ou de guerra. Sua língua se tornou a mais falada na África, mas é importante destacar que apesar de terem a mesma origem linguística, haviam muitas variações, pois recebiam também influência dos povos locais.

Os povos bantos da região de Angola foram os que mais povoaram o Brasil escravista. Esta influência banto na América portuguesa se deu por meio dos escravizados angola, e seus mais diversos grupos étnicos, que, mesmo tendo a mesma origem linguística, trouxeram as mais variadas culturas e técnicas laborais. Aqui no Brasil, misturaram-se e se uniram como um só povo, como forma de sobrevivência. Com isso, influenciaram sobremaneira a sociedade brasileira, principalmente com sua experiência na agricultura.

---

49 “O que chamamos de África ocidental é a região que se estende do rio Senegal ao rio Cross, mais ao sul.” (SOUZA, 2006 p. 19).

50 “Antes domínio de grupos nômades de caçadores e coletores, ela tornou-se terra de agricultores que viviam em aldeias e dominavam a técnica da metalurgia, o que lhes deu superioridade sobre os povos que a ignoravam.” (2006, p.22).

#### 2.1.4 Os povos de origem iorubá

O grupo linguístico iorubá também contribuiu para a sociedade brasileira com seus costumes. Não foi dos maiores grupos africanos, mas influenciou etnias da região localizada entre o rio Volta e baixo Níger<sup>51</sup>.

Foi principalmente por meio de escavações arqueológicas e mitos que sobreviveram de geração em geração que as informações a respeito desses povos chegaram até os dias atuais.

Os grupos de matriz iorubá eram excelentes construtores, dominavam técnicas de metalurgia, agricultura e possuíam ótimos artesãos. Sua organização social era baseada em grupos familiares, e comerciavam produtos com povos externos ao seu círculo linguístico.

Ifê era uma cidade que influenciou por muitas gerações a religiosidade iorubá. De acordo com relatos orais, esta cidade era chefiada por um grande líder político e religioso que trouxe grande prosperidade para a cidade<sup>52</sup>. Este líder de nome Odudua, foi divinizado e seu culto foi adotado por várias outras cidades iorubás. Os chefes dessas cidades sempre afirmavam que receberam a ascendência espiritual da divindade, dando poder de governar seus súditos.

Não se tem muitas informações sobre os povos iorubás, mas sabe-se que influenciaram de várias maneiras o Brasil, em especial a religiosidade, principalmente da região nordeste do país.

---

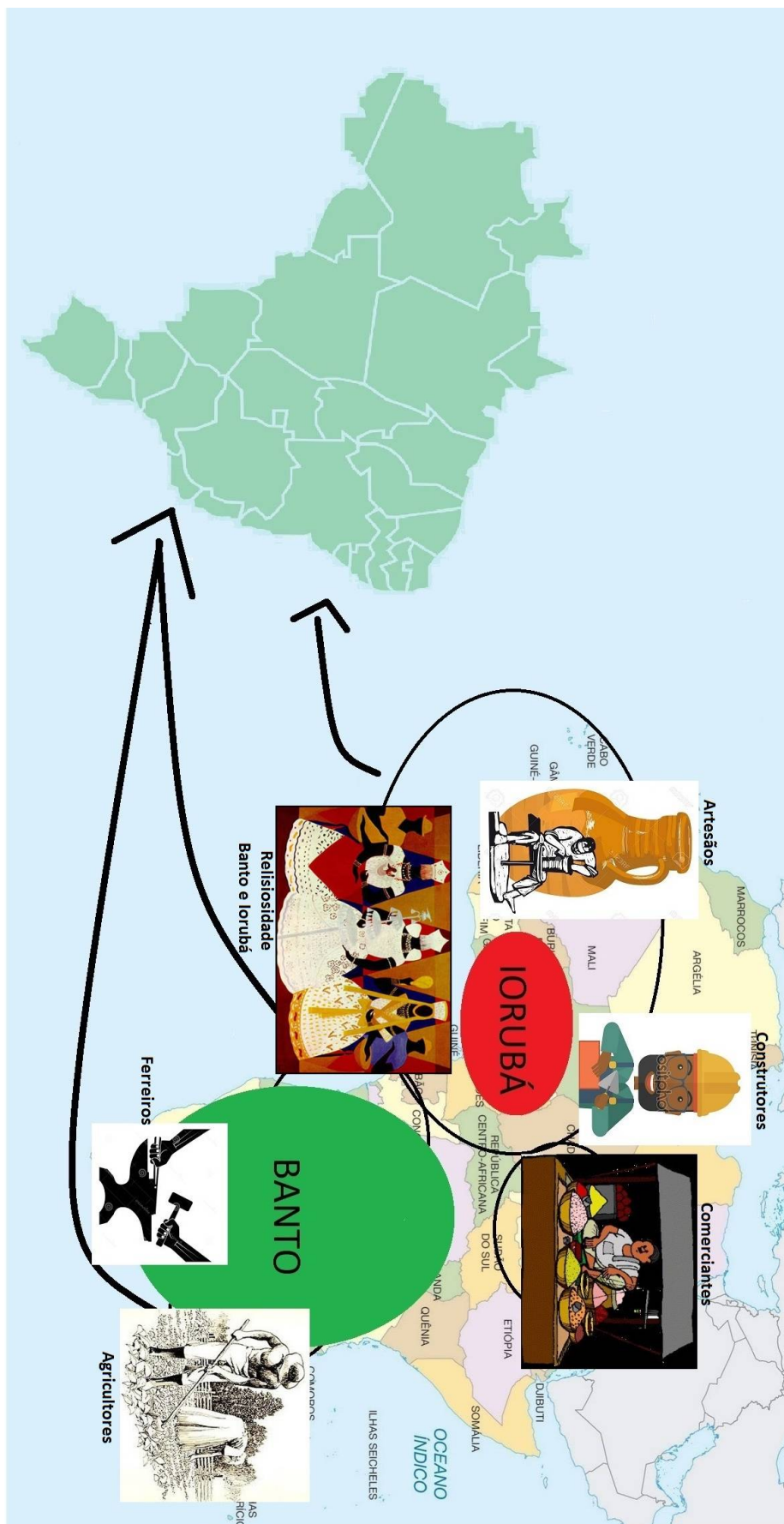
<sup>51</sup> Atualmente, "Povo da África Ocidental. Os Iorubás, que constituem um dos três maiores grupos étnicos da República da Nigéria, vivem no Oeste do país, onde se espalham para dentro do território da República do Benin até o Togo, e no Sudeste, até a cidade de Lagos." (LOPES, 2004, p. 344)

<sup>52</sup> "Conforme relatos orais, um líder divinizado chamado Odudua foi o responsável pela prosperidade de Ilê Ifê, cidade onde vigorou um sistema político-religioso adotado depois por várias outras cidades e reinos dessa área." (SOUZA, 2006, p. 36).





Imagem 5: Principais atividades desenvolvidas pelos povos de origem banto e iorubá:



## 2.2 O tráfico e a escravidão segundo o pensamento marxista

Os povos, cujo modo de produção antigo era a principal forma de trabalho, não tinham forças capazes de desenvolver uma massa proletária suficientemente forte para realizar a revolução que traria igualdade de oportunidades para todos<sup>53</sup>. O escravizado não tinha vez nem voz para lutar por seus direitos e ideais, o que tornava a sociedade cada vez mais deficiente em termos de desenvolvimento econômico e social. Além disso, um sistema baseado somente naqueles que dominavam as forças produtivas dificultava, inclusive, o conflito de classe, pois com o comércio de pessoas negras, o trabalho livre se tornava insignificante para a economia.

As relações de produção em uma sociedade escravista é incompleta do ponto de vista econômico, pois com o modo de produção escravista, o proletariado é mínimo ou quase inexistente. A sociedade brasileira escravista dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX tinha uma economia baseada na produção de bens primários, e, principalmente, na monocultura latifundiária. Nos séculos XVI e XVII, o açúcar foi o maior produto de exportação. No século XVIII, a descoberta de ouro na região de Minas Gerais superou o açúcar como produto comercializado para o exterior. Já no século XIX, o café foi o produto que desbancou o ouro, que neste período já estava em decadência. Como observado, o Brasil vivia de produções primárias, não tendo a menor vocação para a industrialização. No século XIX houve surtos de desenvolvimento, mas somente em meados da década de 70 do século XX é que efetivamente o país passou a ter uma indústria forte. Entretanto, ainda assim, muito aquém dos países da Europa e dos Estados Unidos.

O indivíduo traficado, diferentemente do trabalhador livre, produz recursos tanto com o comércio dos produtos em que trabalha, como também com o comércio dele próprio. Os meios de produção e a força de trabalho são pertencentes a um mesmo indivíduo (o senhor de escravos). Ele possui o local de produção de bens e a força de trabalho escrava. No entanto, a produtividade do escravizado não é a mesma de um trabalhador livre. Apesar de trabalhar extenuantes horas por dia, todos os dias da semana, possui as piores condições para o labor. Mas, aparte a forma e a motivação para o trabalho, a economia escravista se torna dependente de uma renovação constante dessa mão de obra, tendo em vista a alta mortalidade e a baixa expectativa de vida do ser humano negro escravo. Com isso, há um desequilíbrio nas relações de produção, pois o senhor detém tanto os meios de produção quanto a força de trabalho,

---

53 Modo de produção antigo é aquele em que a base das forças produtivas se dá por meio do trabalho escravo.



impossibilitando qualquer tipo de negociação por melhores condições de trabalho ou uma remuneração equitativa. Na verdade, remuneração equitativa em uma sociedade escravista se torna até piada (de mal gosto), pois o escravo não tem nem direito a liberdade, quanto mais a salário. É importante salientar que existiam alguns escravos de ganho (denominação dada àqueles escravos que trabalhavam de forma independente e que, ao final do dia, entregava a maior parte da remuneração de seu trabalho ao seu senhor e, ficava com uma parte menor). Não chega a ser um salário, mas é uma remuneração que, ao final, poderia possibilitar a compra de sua liberdade ou de seus parentes.

Outro ponto a ser destacado é o fato de a ideologia dominante ser disseminada e transmitida para toda a sociedade. As pessoas traficadas, mesmo tendo seus costumes originais, eram obrigadas a seguir a cultura de seu senhor. A cultura dos escravizados ficou relegada à clandestinidade, pois a perseguição foi intensa desde o momento em que a pessoa foi retirada de sua comunidade até a chegada e permanência no local de escravidão. Portanto, a ideologia firmada pela classe dominante tentou, de todas as formas, subtrair a cultura dos africanos vindos para serem transformados em escravos. Mas ao final, o que se percebe, é a simbiose entre cultura dos dominados e dos dominadores<sup>54</sup>. Ambos sofreram influências, ambas as culturas foram transformadas, mas ainda hoje a cultura de matriz africana é vista com desconfiança, desdém e até mesmo com inferioridade.

O estado escravista desestabiliza as relações de produção, pois não permite o desenvolvimento de uma classe trabalhadora capaz de suprir a força de trabalho necessária para o crescimento da economia. Com a insignificância do proletariado frente à massa escravizada, não há a possibilidade de os trabalhadores lutarem por melhores condições de vida e de salário. Com a imposição de uma ideologia alienígena sobre os africanos traficados, a cultura africana sofre um grande abalo em termos de continuação de seu modo de ver o mundo por meio de seus costumes. E, com isso, o futuro se torna cada vez mais sombrio, pois os dominadores se tornarão cada vez mais fortes e a classe dominada se tornará cada vez mais fraca e impossibilitada de lutar por seus ideais.

Todavia, graças à luta persistente da massa escravizada e da classe trabalhadora, o final não foi a vitória dos dominadores. Em meados do século XIX, mais precisamente, em

---

54 Interpretando as conexões “escravizantes” do Brasil com a África, como a busca dos escravizados por suas próprias conexões, os estudiosos devem estabelecer a presença de uma autonomia africana que pode validar o completo engajamento dialético por meio do qual africanos e europeus, unidos em conflito, trabalharam a sucessão de acomodações tensas que vieram a se tornar o Brasil – ou qualquer outra parte das Américas – e sublinharam a extensão pela qual toda identidade no Novo Mundo veio a ser um produto da confrontação do complexo contexto humano do Atlântico.(MILLER, 2011, p. 22).

1850, foi assinada a lei que pôs fim ao tráfico de escravos, e em 1888 a Lei Áurea extinguiu o trabalho escravo no Brasil. Vitória dos escravizados, forros e livres.

Os séculos XX e XXI foram muito produtivos em termos de vitórias da classe trabalhadora. Contudo, há ainda muito o que lutar e muito o que conquistar, para enfim chegar a uma humanidade livre da dominação de uns sobre os outros.

### **2.3 O tráfico e a escravidão segundo o Pós-Modernismo**

O tráfico de escravos pode ser visto por diversos ângulos. Cada um possui uma justificativa e uma razão de ser. Para a pessoa traficada era o fim de uma vida de liberdade em sua terra natal. Para o traficante era um grande negócio que poderia trazer-lhe grandes fortunas, pois tráfico de pessoas são apenas negócios para eles. Para os povos que raptam e entregam as pessoas como escravos é um grande negócio, também, pois além de receber dinheiro ou mercadorias pela troca, podem se livrar de inimigos de seus povos. Para os países que realizam o tráfico como intermediários é um importante meio de movimentar a economia, pois além do ser humano, existem os utensílios, ferramentas, suprimentos, salários com pessoal, construção e manutenção de navios, dentre tantas outras formas indiretas de se ganhar com o tráfico. Para as pessoas que recebem o escravo é mais uma mão de obra, muitas vezes especializada, que aumentará seus lucros tanto na agricultura, no comércio ou mesmo em seus lares (mão de obra escrava é mais barata que mão de obra livre). Para os países que recebem os cativos é um fator importante de crescimento da economia, pois além de aumentar a produção nas diversas áreas de atuação em que os escravos eram submetidos, os lucros advindos do tráfico em si também eram exponenciais. No final, a princípio, quase todos ganharam com o tráfico de escravos, os únicos que perderam foram os próprios escravos, seus familiares, tribos e comunidades de que foi retirado. Entretanto, se for observado com maior profundidade, todos perderam, porque o mais importante não é a economia sobre o social, ou o social sobre o político, ou ainda o político sobre a economia e o social. O mais importante é o ser humano e sua relação harmoniosa com o meio em que vive. O mais importante é o social, cultural, político e econômico se desenvolverem rumo a uma melhor qualidade de vida para todos.

Mas o que o ser humano traficado perdeu?

O traficado é o que mais perde por diversos motivos. Primeiro, perde sua dignidade como pessoa, essa talvez seja a maior das perdas. Segundo, perde a convivência com seus

familiares, sua tribo, seu grupo étnico e seu continente. Terceiro, perde a liberdade e sua capacidade de decidir sobre os caminhos a serem traçados em sua vida. Quarto, perde a chance de desenvolver suas habilidades da forma como lhe apraz. Mesmo que em seu grupo haja alguma obrigatoriedade quanto a profissão ou a caminhos a serem traçados, o indivíduo está em seu habitat e não em local estranho e de forma compulsória. Quinto, perde a oportunidade de desenvolver e conviver com sua cultura, religião, arte e todas as demais formas de interação com seu povo. Mesmo que no local em que fora desembarcado possa cultivar seus costumes, não será como em seu lar. Dentre tantos outros motivos possíveis de serem elencados. O ser humano transformado em escravizado é o que mais perde com o tráfico, mas todos os outros também perdem.

Para os demais envolvidos no tráfico de escravizados a perda não é direta. Toda a humanidade perdeu a partir do momento em que decidiu utilizar seres humanos como objeto. O africano levado como escravizado tornou-se uma simples mercadoria. Como é possível uma pessoa em pleno vigor físico, psicológico e mental ser tratado da mesma forma que um objeto inanimado ou um animal irracional? Esse é um campo extremamente delicado de se abordar, pois o campo das mentalidades esbarra na possibilidade de olhar o cidadão e o escravizado do século XIX com os olhos do século XXI, cometendo, com isso, um anacronismo. Mas já arriscando esse olhar crítico, a sociedade brasileira escravista do século XIX estava acostumada a conviver com o escravizado desde o século XVI. Não era novidade a escravidão. Mas os ventos do iluminismo, das liberdades individuais, das guerras de independência e o fim do tráfico de escravizados e da escravidão nas mais diversas regiões da América causaram uma enxurrada de questionamentos a respeito da continuidade do tráfico e da escravidão no Brasil.

Brasil Bandecchi<sup>55</sup> enumerou cerca de 22 (vinte e duas) normas (dentre leis, decretos e alvarás) promulgadas no século XIX sobre o trato e o tráfico de escravos, sua extinção e, por fim, a abolição da escravatura<sup>56</sup> no Brasil. Essa legislação apresenta um novo olhar sobre a escravidão. Entretanto, mesmo a Constituição de 1824, em seu artigo 179, proibir a tortura, os açoites e qualquer outra forma de violência, ela não trata de violência contra o escravo, mas

---

55 Texto intitulado “LEGISLAÇÃO BÁSICA SÔBRE A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL” publicado na revista de História da Universidade de São Paulo, no ano de 1972.

56 Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888 “Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.”

contra o cidadão brasileiro<sup>57</sup>. O escravo ainda está fora do amparo constitucional, mas ainda assim a legislação evoluiu para o fim da escravidão. A possibilidade de utilizar-se de pessoas como objeto é absurda para uma pessoa do século XXI. No entanto, para um cidadão do século XIX é uma mudança de paradigmas, pois a ideia de escravizar pessoas tornou-se cada vez mais insustentável.

No entanto, apesar de mais de um século após o fim da escravidão no Brasil, ainda há casos deste tipo de prática criminosa. Não da mesma forma como no século XIX, em que escravos eram apenas objetos. Hoje ocorrem inúmeros casos de escravidão “moderna”<sup>58</sup>, das mais diversas formas, desde escravidão sexual, até trabalhos forçados em fazendas, indústrias ou confecções de vestuário em geral. No ano de 2016, cerca de 160 mil brasileiros foram vítimas de escravidão<sup>59</sup>. O Brasil é pioneiro na divulgação de empresas que se utilizam de trabalhos forçados em suas instalações. O Ministério do Trabalho e Emprego atualiza semestralmente a “Lista suja do trabalho escravo”, nome dado a tal lista. Nela constam empresas que possuem alguma infração de trabalhadores submetidos a condições análogas à escravidão<sup>60</sup>.

Por fim, é importante deixar claro que não há um vínculo lógico entre a escravidão do século XIX e o regime de trabalho forçado e compulsório do século XXI. Entretanto, a concepção de um ser humano se sentir no direito de obrigar outro ser humano a trabalhar de forma obrigatória é um tanto quanto absurda. É necessário olhar para o passado e enxergar os estragos sociais que a escravidão provocou no Brasil e no Mundo. É preciso aprender com os erros do passado a fim de não serem novamente cometidos no presente e no futuro.

---

57 Constituição Política do Império do Brasil de 25 de março de 1824 “Art 179 inciso XIX. Desde já ficam abolidos os açoites, a tortura, a marca de ferro quente, e todas as mais penas cruéis.”

58 Forma contemporânea de encarcerar e obrigar pessoas a trabalhar de forma compulsória e irregular.

59 Segundo o site BBC Brasil a escravidão “Na América Latina, são 2,16 milhões de trabalhadores, 161,1 mil deles no Brasil – em 2014, eram 155,3 mil. Segundo o relatório, a incidência desse crime é maior nas áreas rurais no país, principalmente em regiões de cerrado e na Amazônia.” <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36429539>. Acesso em 28 de setembro de 2016.

60 O endereço eletrônico do Conselho Nacional de Justiça informa que “O Ministério do Trabalho e Emprego atualiza, semestralmente, o Cadastro de Empregadores, que contém infratores flagrados submetendo trabalhadores a condições análogas à de escravo.” <http://www.cnj.jus.br/atos-administrativos/atos-da-presidencia/462-aco-es-e-programas/programas-de-a-a-z/forum-de-assuntos-fundiarios/13496-lista-suja-do-trabalho-escravo>. Acesso em 28 de setembro de 2016, às 22:57.

## 2.4 A chegada ao Brasil

A 22 de Abril de 1500 os portugueses atracam em uma terra até então desconhecida, que pouco tempo depois passaria a se chamar "Brasil". Tempos depois, juntamente com as naus lusitanas, chegaram também pessoas de pele negra.

O que se ensina durante todo o período escolar é que os negros africanos foram trazidos ao Brasil, a partir do século XVI e XVII em navios negreiros, a fim de serem utilizados como pessoas escravizadas. Durante a travessia do Oceano Atlântico muitos morriam por conta das péssimas condições de saneamento<sup>61</sup>. Eles ficavam “enfurnados” nos porões dos navios acompanhados de todo o tipo de carregamentos, bagagens, suprimentos, ratos, insetos, animais peçonhentos de todas as espécies, além das mais variadas doenças. Era quase impossível sobreviver a tanta falta de higiene a que os escravos eram submetidos<sup>62</sup>. Mesmo com todas as dificuldades, muitos ainda chegavam vivos. Mas sua vida não melhoraria.

### 2.4.1 O que fizeram?

Durante quase quatrocentos anos de presença africana no Brasil, do século XVI ao século XIX, os negros permaneceram escravizados e coisificados, os portugueses formaram uma rede de comércio extremamente diversificada com os povos africanos. Os navios lusitanos compravam na África desde produtos alimentícios e equipamentos para seguir viagem, até ouro, marfim e, principalmente, seres humanos escravizados. Contudo, os africanos não aceitaram o tráfico de pessoas com complacência e submissão. Os casos de resistência ocorreram em todo o território africano<sup>63</sup>.

---

61 “‘tumbeiro’ – navio que fazia o tráfico de escravizados da África para o Brasil e tinha esse nome porque metade dos viajantes morria durante o trajeto, devido às péssimas condições de higiene, à falta de alimentação e aos maus-tratos.” (MELO e BRAGA, 2010, p. 53 e 54).

62 “Os navios negreiros transportavam os escravos da África para a América. Os cativos ficavam amontoados uns sobre os outros num porão quente como o inferno, úmido e sem sol. A comida era uma mistura gosmenta de farinha, água e pedaços de carne seca. Fome, calor, aperto, doenças... Um número grande não suportava e morria durante a viagem.” (SCHMIDT, 2005, p. 197).

63 Leila Leite Hernandez escreveu um artigo publicado na Revista de História da Universidade de São Paulo em que aborda com muita ênfase a questão sobre a Resistência africana frente aos países colonizadores. Ela explica que “Essas reações de enfrentamento são importantes enquanto expressões de descontentamentos e inquietações traduzidas em não resignação, contrapondo-se à idéia corrente de passividade e até mesmo de uma certa apatia frente às imposições do sistema colonial.” (1999, p. 148).

O Brasil foi construído pelas mãos das pessoas de pele negra. Os escravizados trabalharam desde os serviços mais básicos e simples até os mais complexos e especializados. Existiam os escravos de ganho, domésticos e escravos de campo.

Cada um possuía as suas características. O escravizado de ganho era aquele que trabalhava de forma remunerada para seus senhores. Geralmente recebiam uma cota da remuneração. As principais atividades eram de trabalhos como: carpintaria, marcenaria, sapateiro, pedreiro, carregadores, lavadeiras, doceiras. Esses escravizados tinham maior possibilidade de comprarem a alforria, por conta da cota remuneratória<sup>64</sup>.

Os escravizados domésticos permaneciam nas casas dos senhores. Efetuavam serviços de cozinheiro, limpeza geral e pequenos reparos. Possuíam maior intimidade com os senhores, mas continuavam presos sem direitos, sem privilégios, sem liberdade, sem vida.

Os escravizados de campo trabalhavam nas diversas lavouras espalhadas no Brasil, desde os canaviais passando pelos cafezais, videiras e tantos outros serviços orgânicos do campo. Suas horas de trabalho eram extremamente estafantes e havia poucas possibilidades de liberdade, a não ser pelas frequentes fugas.

Havia também aqueles que trabalhavam nas minas de ouro espalhadas por todo o país. Horas e horas em escavações sempre mais profundas e por mais tempo, sem ver a luz do dia e sem qualquer tipo de condições sanitárias e de alimentação.

Os escravizados também executavam serviços de engenharia, medicina e tantas outras profissões altamente especializadas. Entretanto, a fama e o prestígio sempre iam para o seu dono, pois o escravo não era nada além de um objeto.

O povo escravizado oriundo da África, do século XVI ao XIX, construiu o Brasil ao preço de seu próprio sangue, suor, família, tradição, passado, presente, futuro, e ao custo de sua própria vida.

#### *2.4.2 Como se libertaram*

Durante mais de trezentos anos de escravidão o negro jamais foi submisso e conformado com a sua situação. As fugas eram frequentes e muitas vezes formaram-se quilombos como refúgio. Trabalhavam de forma incansável a fim de conquistar a tão sonhada

---

64 “Carpinteiros, calceiteiros, impressores, carregadores, vendedores ambulantes, cirurgiões e barbeiros espalhados em diferentes ocupações especializadas, semi-especializadas e ocupações não-manuais.” (GARCIA, 2007, p. 27).

liberdade por meio da alforria. Além disso, estudaram e lutaram pela criação de leis que possibilitassem, ao menos, melhores condições de sobrevivência. Culminando (mas não finalizando sua luta) com a promulgação da lei Áurea que deu fim à escravidão no Brasil.

Palmares é o mais conhecido quilombo construído no Brasil. Seu maior líder foi Zumbi, grande herói dos negros e, principalmente, de todos os brasileiros. Os escravos ao fugirem das fazendas se refugiavam nas matas e florestas formando, com isso, lugarejos para se abrigarem e se protegerem<sup>65</sup>. O quilombo dos palmares surgiu no século XVI, e em seu apogeu possuía cerca de 50 mil habitantes. Seu sistema político tinha como base os costumes e tradições advindas da África. O sustento de Palmares vinha por meio de caça, pesca, cultivo dos mais diversos produtos, além do artesanato e do comércio com povoados vizinhos<sup>66</sup>. O quilombo resistiu com bravura por quase oitenta anos, sucumbindo após a morte de seu maior líder, Zumbi dos Palmares. O assassinato de Zumbi se deu no dia 20 de novembro de 1695, por Domingos Jorge Velho, bandeirante paulista que comandou os últimos ataques a Palmares. Atualmente o dia 20 de novembro é o Dia Nacional da Consciência Negra, substituindo o dia 13 de maio de 1888 (abolição da escravatura)<sup>67</sup>. O quilombo dos Palmares foi, sem dúvida, o maior exemplo brasileiro de resistência contra a escravidão e, não poderia ser diferente, que o dia da morte de um dos maiores líderes brasileiros, fosse o dia em que se promove a consciência de uma realidade óbvia: negros e brancos são partes equitativas de um todo chamado ser humano<sup>68</sup>. Foi assim que Palmares, na figura de seu grande Rei Zumbi, foi lembrado por seus feitos e lutas pela liberdade e dignidade negra.

Além dos quilombos, muitos escravos conquistaram sua liberdade trabalhando como escravos de ganho ou domésticos. Trabalhavam para seus senhores e recebiam uma parcela da remuneração. Esses escravos eram a principal força de trabalho da sociedade brasileira

---

65 “As revoltas escravas, entre elas os quilombos, passam, então, a ser consideradas como caminhos para o negro recuperar a dignidade humana (perdida na escravização). Zumbi torna-se o grande herói dessa história.” (FUNARI E CARVALHO, 2005, p. 42).

66 “Apoiava-se numa economia de subsistência baseada na caça, na pesca, na agricultura e no artesanato.” (MELO e BRAGA, 2010, p. 69).

67 “O treze não satisfazia, não havia por que comemorá-lo. A abolição só havia abolido no papel; a lei não determinara medidas concretas, práticas, palpáveis em favor do negro.” (SILVEIRA, 2003, p. 24).

68 “Palmares parecia ser a passagem mais marcante na história do negro no Brasil ao representar todo um século de luta e liberdade conquistada e sendo também um contraponto à ‘liberdade’ doada no treze de maio de 1888.” (SILVEIRA, 2003, p. 26).

imperial<sup>69</sup>. Depois de muito economizar, compravam sua alforria. Entretanto, permaneciam lutando por uma liberdade econômica e social.

Como o advento do século XIX os movimentos contra a escravidão tomaram conta do cenário político brasileiro. No ano de 1850 foi promulgada a Lei conhecida como Euzébio de Queiroz, dando fim ao tráfico negreiro. Esta lei teve como objetivo acabar com o tráfico de pessoas escravizadas e trazidas para o Brasil, e seu verdadeiro motivo foi diminuir a influência e a gerência de navios britânicos que patrulhavam a costa brasileira com a missão de impedir que navios negreiros embarcassem em terras americanas<sup>70</sup>. Esta atitude do Governo Brasileiro reduziu drasticamente a entrada de pessoas escravizadas no país. Mas o tráfico ainda continuou por algum tempo após 1850. Muitos navios procuravam portos menores e menos movimentados para efetuar o desembarque de pessoas escravizadas. Como por exemplo, o porto de Paranaguá, na cidade de Paranaguá no Estado do Paraná<sup>71</sup>. Não era um porto movimentado como o de Salvador ou do Rio de Janeiro, mas também participava do tráfico negreiro<sup>72</sup>, principalmente após o intensivo trabalho de fiscalização por parte dos britânicos. O mesmo ocorreu do outro lado do Atlântico. O porto de Ambriz, em Angola, no final do século XVII, era um pequeno porto situado mais próximo à linha do equador que os demais portos de Angola. Após o aumento da patrulha dos navios ingleses, pelo Oceano Atlântico, em busca de navios negreiros, o porto de Ambriz se tornou um caminho alternativo para o tráfico de pessoas da África para o Brasil. No século XIX se tornou uma das

---

69 “Muitos dos escravizados domésticos em função das características das atividades desempenhadas, que os colocavam em contato direto com a vida urbana, possuíam uma profissão, constituindo-se no grosso da mão-de-obra no setor privado, da economia carioca” (GARCIA, 2007, p. 27).

70 “Em 1850, com o fim de impedir as incursões britânicas que aumentavam, o govêrno brasileiro decidiu agir com rigor contra os traficantes de escravos . A Lei Queiroz de 1850 tentou atingir êste objetivo declarando o tráfico escravo como pirataria e punível com a morte.” (CABAT, 1969, p. 329).

71 “Os boatos, entretanto, continuavam a respeito da atividade negreira no litoral paranaense. Ainda, em maio de 1855, teria naufragado no Superaguí, uma embarcação suspeita de empregar-se no tráfico de africanos. Diligências efetuadas pelo Inspetor da Alfândega e pelo Delegado Suplente, não encontraram vestígios do referido naufrágio. Por sua vez, o Capitão do Pôrto de Paranaguá, no entanto, denunciava às autoridades provinciais, o vapor Paraense, que fazia a linha regular entre o Rio de Janeiro e Santa Catarina, de não se prestar às formalidades legais, como a visita da Fortaleza, o que resultava em abusos e na faculdade inaudita de traficar impunemente com africanos boçais.” (WESTPHALEN, 1972, p. 153).

72 “O pôrto de Paranaguá surge, nessa conjuntura, como ponto de negócios referentes ao tráfico ilícito de escravos novos, desembarcados no litoral da Província de São Paulo.” (1972, p. 140).



alternativas para o tráfico<sup>73</sup>. Mas aos poucos o tráfico externo diminuiu e o comércio interno cresceu. Os escravizados eram trazidos das regiões decadentes do Nordeste e Minas Gerais para as crescentes regiões produtoras de café, como São Paulo e Rio de Janeiro<sup>74</sup>.

Em 1871 criou-se a Lei do Ventre Livre, que libertava todos os filhos de escravos nascidos a partir daquela data. Contudo, os pais continuavam escravos. No ano de 1885 chegou a vez dos mais idosos, e os legisladores aprovaram a lei do sexagenário, que libertava todos os escravos maiores de sessenta anos. Numa época em que a média de vida não passava dos 40 anos, dificilmente algum escravo chegaria aos sessenta. Por fim, em 1888 a escravidão veio a termo, a Lei Áurea, como foi batizada, pôs fim a quase quatro séculos de escravidão de pessoas. Entretanto, a lei somente possibilitou a liberdade física, pois as liberdades econômica, social e política ainda hoje estão nas pautas de decisões, pois os negros ainda não as conquistaram de forma plena.

#### *2.4.3 Após o fim da escravidão*

Durante toda a colonização do Brasil os negros foram escravizados e rebaixados à condição de meras mercadorias. Com a proximidade do fim da escravidão, no final do século XIX, a elite brasileira somou esforços no sentido de excluir e rejeitar a população negra liberta, afinal, aqueles que antes eram simples mercadorias não poderiam jamais se transformar em seres iguais aos brancos<sup>75</sup>.

A solução, para que não houvesse uma invasão negra nas áreas de influência e poder no Brasil, era branquear a população e exterminar os remanescentes negros por meio da exclusão dos meios de produção (trabalho e terra) e da total restrição aos benefícios governamentais (saúde e educação).

Com essa “faxina” racial e ideológica, o Brasil poderia seguir firme na certeza de que, em breve, toda a população teria a cor e a ideologia brancas.

---

73 “Para entender tal processo duas ordens de questões têm sido levantadas: em primeiro lugar, as interdições feitas pelo convênio entre britânicos, portugueses e brasileiros aos fluxos transatlânticos do comércio de escravos e, em segundo lugar, as alterações no jogo de poder dos estados africanos da região.” (Wissenbach, 2015, p. 165).

74 “Ao Rio de Janeiro eles [escravizados de origem iorubá] chegaram em maior número depois de 1850, pois quando o tráfico atlântico acabou, escravos do Nordeste foram vendidos para o Sudeste, onde a lavoura cafeeira pagava bons preços pelos escravos dos senhores de engenho decadentes.” (SOUZA, 2006, p. 87).

75 De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta. (FANON, 2008, p. 104).

Hoje (século XXI) o Brasil é branco? No século XX, o Brasil era branco? No período imperial e colonial, o Brasil era branco? Os colonizadores portugueses eram brancos? O que é ser branco? Branco é aquele que possui a tez clara (de preferência de olhos e cabelos claros), mas, principalmente, com os princípios ideológicos de origem ocidental/européia. Confirmando, com isso, que o Brasil jamais foi branco, pois seu colonizador, apesar de ser europeu, também não era fisicamente branco. Os portugueses são uma mistura de vários povos europeus, africanos e asiáticos. O que se discute não é a cor da pele, mas o aparelho ideológico por traz dos costumes e tradições que entraram em conflito entre africanos e brasileiros europeizados. O Brasil de fins do século XIX queria uma limpeza ideológica, com o objetivo de apagar a cultura negra e elevar o modo de vida europeu.

O Brasil, de cores miscigenadas, sofreu um processo de construção ideológica ao longo de mais de 5 (cinco) séculos, a ponto de acreditar na vã possibilidade de um branqueamento da população. A elite brasileira do século XIX impôs uma política eugenista a fim de eliminar e destruir os negros. A miscigenação era um dos meios utilizados, além do isolamento, da exclusão e, por fim, a imigração de europeus em fins do século XIX e início do século XX. Todos com o objetivo de deixar o país “branco”.

A elite brasileira, com sua origem colonizadora portuguesa, foi moldada sob princípios de uma cultura europeia dominante. Tais princípios transformaram a tradição, as narrativas, lendas e mitos africanos em meros folclores sem sentido e sem “valor científico”. Além disso, o brasileiro aprendeu a ser moderno, ou seja, individualista, egoísta, isolado em si, sem sentimento de coletividade, alheio ao diferente, uma verdadeira crise de identidade<sup>76</sup>. A elite brasileira se sente branca com princípios brancos, mas na verdade é miscigenada com princípios miscigenados.

O povo brasileiro é preconceituoso de suas próprias origens. O Brasil não é europeu, não é africano, não é americano. O brasileiro é uma mistura de várias culturas de diversas localidades espalhadas por todo o planeta. Entretanto, o brasileiro discrimina as culturas de matriz africana e indígena, e exalta as culturas de matriz européia, perdendo-se, com isso, a harmonia que a união de todas as culturas formaram neste país continental. A miscigenação durante muito tempo foi utilizada para abrandar o racismo no país. Por traz da expressão

---

76 “o desejo da “europeização” expresso por essa elite evidencia que não só os negros se sentem desconfortáveis com a sua condição racial, mas o próprio branco brasileiro desejava e deseja ainda hoje perder-se no outro, o europeu ou o norte-americano.” (SILVA BENTO, 2014, p. 52).

“miscigenação” encontra-se as relações de poder baseadas na hierarquia de branquitude e do racismo latente.

É importante aceitar uma origem miscigenada, mas mais importante é compreender que não foi o negro que quis se tornar branco, ao contrário, foi o branco que, pela escravidão, deformou a personalidade do negro e, conseqüentemente, deformou sua própria personalidade. Negros e brancos foram deformados, um acreditando que era inferior e o outro acreditando que era superior, mas ambos são oriundos da mesma essência, da mesma raça. A raça humana.

Para que todas as raças se vejam como iguais, dentro de suas diferentes culturas e costumes, é necessário corrigir as distorções que séculos de escravidão e discriminação formaram na personalidade dos seres humanos. Essa correção deve ser feita com inteligência e sabedoria, aceitando todas as culturas, costumes e religiões como expressões diferentes e igualmente válidas; sem hierarquia, sem superioridade, sem discriminação.

Para que a igualdade ideológica entre os seres humanos ocorra é preciso corrigir a profunda deformação que a mente “branca” se moldou e se beneficiou em detrimento do negro.

Mas o mais eficaz é que cada um se despoje de suas máscaras e aceite que o branco precisa devolver tudo o que roubou do negro e o negro deve aceitar somente aquilo que lhe foi roubado, sem vingança, sem revanchismo. Talvez possa parecer impossível que o branco devolva milhões de negros mortos em navios negreiros, milhões de negros destruídos pela escravidão, gerações e gerações de negros que até hoje sofrem com o preconceito e a discriminação. Também pode parecer impossível reverter a mente maligna que se convenceu que é melhor só porque tem uma cor de pele mais clara, só porque conseguiu roubar as ideias de outros povos e transformá-las em instrumento de dominação e destruição do OUTRO.

É importante salientar que o racismo promovido pela elite brasileira sobre as pessoas que vivem a cultura africana não é diferente de qualquer outro racismo<sup>77</sup>. Isso quer dizer que ambos devem tomar cuidado com os extremos. Nenhuma cultura é superior. Entretanto deve-se buscar a valorização de todos os costumes e tradições, seja africano ou europeu.

Difícil tarefa do homem de hoje: transformar séculos de deformações e destruições, em um futuro de igualdade e aceitação do diferente, sem menosprezar, sem diminuir, sem discriminar.

---

77 “O racismo colonial não difere dos outros racismos.” (FANON, 2008, p. 87).

Difícil compreender que todos são iguais independente das diferenças. Esse é o grande desafio da humanidade.

## 2.5 Os números do tráfico

Mais de quatro milhões de pessoas foram traficadas da África para o Brasil, dos séculos XVI ao XIX<sup>78</sup>. Não é um número exato, mas expressa uma quantidade extremamente grande para uma diáspora humana forçada.

No século XVI, os traficantes tiravam os escravizados, principalmente das regiões da Costa da Mina e da Guiné, e o destino eram os atuais Estados do Pará, Maranhão e Bahia. Dessas localidades eram espalhados por toda a região Norte e Nordeste do Brasil.

No século XVII a Costa de Angola passou a ser o local mais frequentado pelos traficantes de escravos, e o destino no Brasil eram os atuais Estados da Bahia, Pernambuco e Alagoas.

Em fins do século XVII e por todo o século XVIII, Congo e Angola foram os principais pontos de embarque de negros escravizados. Seu destino era Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo e, em menor grau, as regiões do Sul do país.

No século XIX, o país recebeu escravizados vindos, principalmente, de Congo e Angola, com destino ao Rio de Janeiro e São Paulo. Entre os séculos XVIII e XIX, somente no Porto de Ambriz, localizado em Luanda, na Angola, foram traficados mais de duzentas mil pessoas<sup>79</sup>. Mas a Costa da Mina ressurgiu como ponto de embarque de pessoas escravizadas com destino a Bahia e outras regiões do Nordeste brasileiro<sup>80</sup>. Apesar de ter diminuído, a Costa da Mina não deixou de fornecer escravizados para o Brasil. Outro ponto fornecedor de escravos foi Moçambique, que chegavam, principalmente, no Sul e Sudeste.

O Nordeste recebeu, prioritariamente, africanos oriundos de matriz linguística ioruba. Já o Sudeste e o Sul receberam africanos de origem banto.

---

<sup>78</sup> “Durante três séculos e meio vieram para o Brasil cerca de 5 milhões de africanos, que foram distribuídos de acordo com a necessidade comercial de cada região da província.” (MELO e BRAGA, 2010, p. 53).

<sup>79</sup> “Segundo dados recentes, entre 1789 e 1863, foram retirados somente de Ambriz 206.000 escravizados destinados em sua maior parte aos mercados do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, e também de Cuba.” (Wissenbach, 2015, p. 165).

<sup>80</sup> Maiores vítimas do tráfico transatlântico nos anos que antecederam sua proibição definitiva, em 1850, os nagôs alcançaram a marca de quase 80% dos escravos africanos em Salvador na década de 1860. (FIGUEIREDO, 2009, p. 42).

Havia navios de todos os tipos e tamanhos. Desde embarcações leves e rápidas, para fugir de fiscalizações, até navios enormes que poderiam chegar a quase oitocentas pessoas escravizadas<sup>81</sup>.

Os números impressionam, pois a quantidade de pessoas que saíram da África foi consideravelmente grande. Calcula-se que em termos gerais, por volta de 15 milhões de pessoas partiram de todas as regiões africanas de forma compulsória, rumo às Américas<sup>82</sup>. Essa imensa quantidade de pessoas aportadas no Brasil e nos demais países da América possibilitou o maior trânsito de mão-de-obra escrava de que se tem notícia em toda a História.

---

<sup>81</sup> O navio aportou a uma *fazenda*, quarenta milhas ao norte de Campos e desembarcou 742 escravos; quarenta tinham morrido durante a viagem (CABAT, 1968, p. 339). Segundo Luís Henrique Dias Tavares o navio “*Falcão*, que ia da Bahia para Havana e foi aprisionado pela marinha inglesa na altura de Porto Rico. Fazia reexportação de 387 escravos.” (TAVARES, 1988, p. 17).

<sup>82</sup> “... cerca de 15 milhões de africanos foram covardemente retirados de suas terras de origem e enviados às Américas.” (MELO e BRAGA, 2010, p. 53).

## **CAPÍTULO 3 HISTÓRIA E INTERNET: UM BRASIL MAIS CONSCIENTE DE SI**

### **3.1 A importância da História**

A História como conhecimento científico tem uma importância capital para a humanidade. Atualmente o conhecimento historiográfico possibilita o aprimoramento de uma consciência crítica sobre a humanidade de ontem e seu legado para o presente. Possibilita também o fortalecimento da identidade do indivíduo, de um povo ou nação.

A História como diálogo entre passado, presente e, por vezes, futuro induz a possibilidade de o homem caminhar com a segurança de uma experiência de mais de cinco mil anos de civilização humana e mais de dez mil anos de existência do próprio ser humano. A História como produto do trabalho do historiador é a confirmação da continuidade do conhecimento humano. Os arquivos, os acontecimentos, os eventos do passado, os vestígios arqueológicos nada dizem se não houver o tratamento adequado de um historiador.

Compreender o passado significa tomar parte de um todo, significa conhecer-se como um todo. O presente é apenas a ponta do iceberg humano. O indivíduo sem passado é um indivíduo sem história. Um povo sem passado é um povo sem memória. Se a sociedade brasileira de hoje não soubesse de um passado de escravização negra, não entenderia o porquê de políticas públicas afirmativas no sentido de valorizar e contornar erros cometidos no passado. Compreendendo a ação do ser humano no passado, compreende-se o porquê de determinados acontecimentos e comportamentos do presente para compreender o presente, construindo, com isso, subsídios para o futuro.

Passado, presente e futuro estão ligados permanentemente por laços indelévels. O ser humano no tempo vive como se fosse eterno, ou, pelo menos, como se vivesse por milênios. Estudar a humanidade no tempo é eternizar as batalhas de Hércules, Gilgamesh (Rei de Uruk, cidade-estado da Suméria, primeira civilização da humanidade), ou de Ciro, grande rei da Pérsia antiga. É viver e sentir novamente os ventos soprando sobre as naus portuguesas, que traficavam seres humanos da África para o Brasil. Sentir a dor daqueles que ficavam presos no interior das embarcações à espera de um destino tenebroso como escravizado. É, por fim, abraçar o tempo e entendê-lo, não como passado, presente e futuro, mas como a experiência do vivido em sintonia com a vivência do agora em benefício para o hoje e para o amanhã. Isso é História e é para isso que ela serve.

### **3.2 A internet é um meio de pesquisa histórica eficaz?**

Sim, a internet atualmente é um dos meios mais completos de pesquisa, seja sobre questões históricas, seja sobre diversos outros assuntos. Não há como negar a importância do ambiente virtual quanto à pesquisa científica. Ao buscar conteúdos relativos à origem do Brasil negro e o tráfico de escravos é possível encontrar explicações com apenas alguns cliques. Entretanto, o meio físico ainda tem seu valor e sua necessidade. O mundo virtual ainda não veio para substituir, apenas para complementar a pesquisa científica.

A pesquisa na internet deve ser executada de forma livre e consciente. Não há regras fechadas. O que deve ser observado são as fontes utilizadas pelos autores e a coerência com os discursos de especialistas. O mundo virtual possui uma infinidade de conteúdos, sejam eles interessantes ou não. Cada pesquisa tem o seu foco, basta o pesquisador seguir seu objetivo e analisar as fontes com base em seus conhecimentos e na metodologia aplicada.

Como o conteúdo virtual é extremamente extenso e com variadas possibilidades de pesquisa, é necessário efetuar uma seleção tanto em relação ao assunto, quanto ao local a ser pesquisado. A delimitação implica em seleção e aprofundamento quanto ao conhecimento dos endereços eletrônicos, autores, e tema a ser analisado.

A internet surgiu e se desenvolveu para aperfeiçoar e facilitar a circulação do conhecimento humano. O limite da internet é a capacidade humana de transformar seu mundo real em um mundo virtual. As possibilidades históricas e historiográficas são incontáveis. O mundo está ligado virtualmente e em conexão permanente com a realidade atual e a realidade histórica. A internet como meio de pesquisa é, atualmente, não só eficaz, mas primordial para o conhecimento histórico, pois potencializa de maneira expressiva a pesquisa científica.

### **3.3 O Brasil negro**

O Brasil é negro. Aqui não se está tratando de cor de pele, mas de ideologia, de cultura, de tradição, de costumes, de vidas passadas, de vidas presentes. A cor da pele é apenas a exteriorização de um conjunto de fatores que produzem uma visão de mundo estereotipada para alguns. Uns enxergam a cor da pele como uma simples diferença de tonalidade da tez humana, mas outros enxergam com discriminação e preconceito. O Brasil é negro porque o europeu traficou pessoas da África para o Brasil por mais de três séculos. Isso significa que o Brasil recebeu as marcas dos horrores da escravização de pessoas tornadas

objetos mercadológicos. Mas significa, também, que o Brasil foi premiado com a extraordinária diversidade e complexidade de costumes, culturas e tradições africanas. Também foi premiado com o trabalho físico e intelectual de todos os escravizados que trouxeram consigo a força de seus braços e de seu conhecimento.

A identidade brasileira possui marcas européias, indígenas e africanas. A África tem parte significativa no que hoje se chama Brasil. Entretanto, o negro ainda reivindica sua posição de cidadão brasileiro, ainda luta por sua liberdade, pois permanece na escravidão do preconceito e da discriminação. Apesar de séculos de lutas, o negro continua inferiorizado e estigmatizado simplesmente por ter uma pele escura. Contudo, não é somente o ser humano de pele negra que é discriminado, mas todos aqueles que comungam de costumes, tradições ou religiões de matriz africana.

A trajetória rumo à liberdade foi longa, mas ainda não chegou o momento de comemorar, pois ainda falta a tão sonhada liberdade plena, em que todos, sem diferença de cor, terão as mesmas oportunidades, as mesmas garantias, os mesmos direitos e o mesmo tratamento como ser humano. Pode parecer utopia, mas, na realidade, é um futuro que um dia poderá chegar, basta não desistir.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a internet, o campo de pesquisa historiográfico expandiu-se de maneira exponencial. Documentos escritos a séculos ou milênios estão facilmente disponíveis no meio virtual. A Lei Euzébio de Queiroz de 1850 ou a Lei Áurea de 1888 estão ao alcance de todos que possuem conexão na rede mundial de computadores.

De onde viemos ou quais são as origens do Brasil negro? Seja da Angola, seja de Benin, Guiné, Moçambique, Nigéria ou Congo. Sejam nossas origens banto ou yorubá. O Brasil é, também, africano. Africanos de todas as partes misturados em uma mesma embarcação, o navio negreiro. Navio que transportou cargas com valores inestimáveis, navio que transportou o maior dos tesouros sem ao menos perceber. Os navios do tráfico comerciaram o que não é comerciável: pessoas. Pessoas de diferentes origens com um mesmo destino escravista. Tesouros que nenhum metal precioso é capaz de pagar. As naus escravagistas transportaram o inestimável tesouro chamado identidade, costume, cultura, sentimentos, sonhos, esperanças, famílias, tristezas, raivas, ódios, amores. Qual foi o peso desse navio? Foi o peso da destruição de um continente arrasado pelo tráfico de pessoas e por intermináveis guerras provocadas pelo tráfico. Não foi sem luta que africanos de todos os pontos entregaram suas vidas em defesa de seus ideais.

O tráfico ultramarino, iniciado por Portugal, entre Brasil e África, uniu povos africanos de todas as partes e construiu um país herdeiro das mais diversas formas de cultura. Mas o mais importante é saber que cada povo africano possui sua identidade e todos eles trouxeram sua visão de mundo para o Brasil. Bantos no Sudeste, yorubás no nordeste. Cada negro à sua maneira plantou uma semente de África no Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

5 exemplos da escravidão moderna, que atinge mais de 160 mil brasileiros. BBC Brasil. 3 jun. 16. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36429539>. Acesso em 28 set. 2016.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas: da Idade Média aos nossos dias**. Portugal: Publicações Europa-América, 2012.

CARR, Edward Hallet. **Que é História?** 4ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense, 2013.

CIARALLO, Gilson. **Elaborando o Projeto de Trabalho Acadêmico**.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador-BA: UFBA, 2008.

FERREIRA, Roquinaldo. “Ilhas Crioulas”: O significado Plural da mestiçagem cultural na África Atlântica. **Revista de História da USP**. São Paulo, n. 155, jul./dez. 2006. Disponível em:

<[http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/155/RH\\_155\\_-\\_Roquinaldo\\_Ferreira.pdf](http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/155/RH_155_-_Roquinaldo_Ferreira.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2015.

FIGUEIREDO, Luciano. **Raízes Africanas**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo A. e CARVALHO, Aline Vieira de. **O patrimônio em uma perspectiva crítica: o caso do Quilombo dos Palmares**. *Diálogos*. Maringá, v. 9, n. 1, p. 33-47, 2005. Disponível em:

<[http://www.dialogos.uem.br/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path\[\]=175](http://www.dialogos.uem.br/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path[]=175)>. Acesso em 28 set. 2015.

GARCIA, Renísia Cristina. **Identidade Fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira (1993 – 2005)**. Brasília: INEP, 2007.

GOOGLE. Disponível em: <[www.google.com.br](http://www.google.com.br)>. Acesso em: 14 out. 2015.

HISTÓRIA. Wikipédia. 8 ago. 2016. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria>>. Acesso em 24 set. 2016.

HERNANDEZ, Leila Leite. Movimentos de Resistência na África. **Revista de História da USP**. São Paulo, n. 141, jul./dez. 1999. Disponível em:

<[http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/141/RH-141\\_-\\_Leila\\_Maria\\_Gonaves\\_Leite\\_Hernandez.pdf](http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/141/RH-141_-_Leila_Maria_Gonaves_Leite_Hernandez.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2015.

KLEIN, Herbert S. e VINSON III, Ben. **A Escravidão Africana na América Latina e Caribe**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2015.

Lei Áurea. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LIM/LIM3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM3353.htm)>. Acesso em: 27 set. 2016.

Lei Eusébio de Queiroz. Lei nº 581, de 4 de setembro de 1850. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LIM/LIM581.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM581.htm)>. Acesso em: 27 set. 2016.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MELO, Elisabete e BRAGA, Luciano. **História da África e Afro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

MILLER, Joseph C. Restauração, reinvenção e recordação: Recuperando Identidades sob a escravização na África e face à escravidão no Brasil. **Revista de História da USP**. São Paulo, n. 164, jan./jun. 2011. Disponível em: <[http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/164/RH\\_164\\_-\\_01\\_-\\_Joseph\\_Miller.pdf](http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/164/RH_164_-_01_-_Joseph_Miller.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2015.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Lições sobre a África: Abordagens da História Africana nos livros didáticos brasileiros. **Revista de História da USP**. São Paulo, n. 161, jul./dez. 2009. Disponível em: <[http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/161/08\\_-\\_Anderson\\_Ribeiro\\_Oliva.pdf](http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/161/08_-_Anderson_Ribeiro_Oliva.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2015.

REIS, José Carlos. **Teoria e História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

SANTOS, Catarina Madeira. Escrever o Poder: Os autos de vassalagem e a vulgarização da escrita entre as elites africanas Ndembu. **Revista de História da USP**. São Paulo, n. 155, jul./dez. 2006. Disponível em: <[http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/155/RH\\_155\\_-\\_Catarina\\_Madeira\\_Santos.pdf](http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/155/RH_155_-_Catarina_Madeira_Santos.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2015.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica: ensino médio: volume único**. São Paulo: Nova Geração, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª Ed. Ver e atual. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA BENTO, Maria Aparecida. “Branqueamento e Branquitude no Brasil”. In: CARONE, Iray e SILVA BENTO, Maria Aparecida. **Psicologia social do racismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SILVEIRA, Oliveira. “Vinte de Novembro: história e conteúdo”. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e SILVÉRIO, Valter Roberto. **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. Disponível em:

<[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/educacao\\_acoes\\_afirmativas.pdf#page=20](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/educacao_acoes_afirmativas.pdf#page=20)>. Acesso em 28 set. 2015.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2006.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **Comércio Proibido de Escravos**. São Paulo: Ática, 1988.

WESTPHALEN, Cecília Maria. A introdução de escravos novos no litoral paranaense. **Revista de História da USP**. São Paulo, n. 89, jan./mar. 1972. Disponível em: <<http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/089/A007N089.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

WISSENBAACH, Maria Cristina Cortez. Dinâmicas Históricas de um Porto Centro-Africano: Ambriz e o Baixo Congo nos finais do Tráfico Atlântico de Escravos. **Revista de História da USP**. São Paulo, n. 172, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/172/05-MariaCristinaCortezWissenbach.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.